



**Populismo**  
Uma Revisão da Literatura

**Versão Final Após Defesa**

Luís Filipe Gonçalves Basílio

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Ciência Política**  
(2º ciclo de estudos)

Orientador: Prof. Doutor Luís Filipe da Silva Madeira

**Outubro de 2021**



# **Dedicatória**

Aos anjos que me ajudam.



# **Agradecimentos**

Aos meus pais e orientadores pelo apoio, sem o qual esta dissertação não teria sido possível.



# **Resumo**

Esta dissertação, gira em torno de uma investigação, caracterização, conceptualização e reflexão sobre o populismo.

A introdução incide sobre a apresentação do tema onde é realizada uma justificação, definição do objecto, referência às fontes e plano do trabalho.

Na definição Populismo, considerou-se a definição mínima do conceito de Populismo e os principais pontos de vista de autores significativos e conceituados teóricos políticos. O impacto do Populismo na atualidade e as suas consequências no discurso político e na atualidade complementa o capítulo.

De modo a expor várias formas de Populismo quer à esquerda, quer à direita, são apresentados quatro casos representativos de Populismo no mundo: Donald Trump; Marine Le Pen; Matteo Salvini; e o Syriza.

A conclusão para além de refletir sobre todas as temáticas apresentadas, também insere as expectativas para o Populismo no futuro.

## **Palavras-chave**

Populismo; Povo; Líder; Elites; Democracia.



# **Abstract**

This dissertation revolves around an investigation, characterization, conceptualization and reflection on populism.

The introduction focuses on the presentation of the theme, where a justification, definition of the object, reference to sources and a work plan is made.

In the definition of Populism, the minimum definition of the concept of Populism and the main points of view of significant authors and renowned political theorists were considered. The impact of populism today and its consequences on political discourse complements the chapter.

In order to expose various forms of populism both on the left and on the right, four representative cases of populism in the world are presented: Donald Trump; Marine Le Pen; Matteo Salvini; and Syriza.

The conclusion, in addition to reflecting on all the themes presented, also includes expectations for populism in the future.

# **Keywords**

Populism; People; Lider; Elites; Democracy.



# Índice

Introdução.....	1
<b>Apresentação do Tema</b> .....	1
<b>Justificação</b> .....	2
<b>Objecto</b> .....	3
<b>Discussão das fontes</b> .....	4
<b>Plano de trabalho</b> .....	4
Capítulo 1– O Populismo.....	5
<b>1.1 - Definição Mínima do Conceito de Populismo</b> .....	6
<b>1.2 - Caracterização / conceptualização do Populismo por diversos teóricos políticos</b> .....	8
1.2.1 -Margaret Canovan.....	8
1.2.2 – Jane Mansbridge e Stephen Macedo.....	11
1.2.3 – Nadia Urbinati.....	13
1.2.4 - Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser.....	16
1.2.5 – Ernesto Laclau.....	19
<b>1.3 - Abordagem do populismo segundo três características</b> .....	23
<b>1.4- O impacto do populismo na atualidade e as suas consequências no discurso político e na sociedade</b> .....	26
Capítulo 2 – O Populismo no Mundo.....	34
<b>2.1 - Caso Donald Trump nos Estados Unidos</b> .....	36
<b>2.2 - Caso Marine Le Pen na França</b> .....	42
<b>2.3 - Caso Matteo Salvini na Itália</b> .....	46
<b>2.4 - Caso do SYRIZA na Grécia</b> .....	52
Capítulo 3 – Conclusão.....	58
<b>Expectativas para o Populismo no futuro</b> .....	65
Bibliografia.....	68



# Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
EUA	Estados Unidos da América
CNN	Cable News Network
FN	Frente Nacional
MLP	Marine Le Pen
LN	Liga de Norte
UE	União Europeia
SM	Social Media
SYRIZA	Coligação de Esquerda Radical e Aliança Progressiva
PASOK	Movimento Socialista Pan-Hel
ANEL	Gregos Independentes
UKIP	Partido da Independência do Reino Unido



# **Introdução**

A presente dissertação versa o populismo, e insere-se no âmbito do Mestrado em Ciência Política da UBI.

A investigação aqui encetada baseia-se numa revisão da literatura dos trabalhos e publicações realizadas, comparação com o ponto de vista dos autores mais significativos, com foco nas principais linhas de pensamento dos autores em matéria de populismo.

A escolha desta temática deve-se ao facto da corrente política denominada Populismo estar em voga nos dias de hoje, pela relevância adquirida e visibilidade. Nunca na história, ocorreu a ascensão de tantos movimentos alegadamente populistas em países tão diferentes, desde Donald Trump nos EUA, a Marine Le Pen na França, e ainda, Alex Tsipras na Grécia. Torna-se, pois, importante determinar o seu impacto na atualidade, nomeadamente saber se é uma força capaz de alterar o status quo político de modo a dar mais poder as massas ou não.

## **Apresentação do Tema**

O tema da presente dissertação versa o populismo nas vertentes de definição/conceitualização, atualidade e provável evolução futura.

Não tendo uma posição clara no espectro político, o populismo é muitas vezes caracterizado, por uma oposição às elites políticas e financeiras (de cariz antissistema) já que, se propõe a concretizar em realidade, tudo o que promete aos seus apoiantes, sem consideração pelos interesses previamente definidos, entrando por isso, em confronto com as elites que querem manter o status quo.

O populismo consiste na metamorfose dos princípios democráticos da maioria e do povo, de uma forma, em que uma parte do povo se opõe à outra, por meio de um líder que o agrega e um público que o legitima (Urbinati, 2019:111).

Desde o século XVIII até aos dias de hoje, o povo constituindo a base de autoridade tornar-se-ia uma luz a seguir pelo imaginário político dos movimentos populares em todos os governos democratizantes. A ideia de que "o povo" tem autoridade para recuperar o poder do governo e reconstituir instituições, ou lutar pelo poder das elites corruptas e egoístas, seria a base dos primeiros movimentos (que poderiam ser apropriadamente chamados de "populistas"), que surgiram no século XIX em ambos os lados do atlântico (Kaltwasser et al, 2017:17-18).

Na política contemporânea, o populismo é, sem margem de dúvida, considerado o tema mais debatido, quer em meios académicos, quer na comunicação social. O aparecimento de uma série de fenómenos populistas, como Trump e Sanders, ou o Movimento 5 Estrelas na Itália, o Podemos na Espanha, Le Pen em França e Nigel Farage no Reino Unido, faz com que muitos aleguem que nos encontramos num ‘momento populista’, ou seja, numa fase histórica dominada pelo aparecimento de formações populistas que desafiam a ordem neoliberal que dominou a política de consenso político nas últimas três décadas (Panizza, 2012; Albertazzi e McDonnell, 2007, como citado em Gerbaudo, 2018:2-3). *“Diferentes tempos históricos caracterizam-se por diferentes populismos”* (Zúquete, 2016:15).

## **Justificação**

O tópico do populismo tomou maior visibilidade e importância na experiência política atual, ainda assim, existe dificuldade em trabalhar em teoria política com este conceito. De facto, o populismo não é novo, este conceito surge aliado ao processo de democratização no século XIX, e, a partir daí, as suas personagens e formas passam a corresponder aos diferentes modos de democracia que desafiam. O que na realidade é novo hoje, é a força e simultaneidade, com que se manifesta em grande número de países governados por uma democracia constitucional (Urbinati, 2019:112).

Carregadas de emoção, as lideranças carismáticas (que passaram a ser chamadas de “neopopulistas”) voltam ao cenário político com promessas de solução fácil para todos os problemas. Essas lideranças carismáticas à frente de Estados fortes e marginais, passam a contar com a interferência das elites políticas tradicionais que põem em causa os seus interesses. Daí adveio a carga pejorativa na esfera política, do conceito de populismo que passou a receber um status negativo no senso comum. Como resultado, deu-se a demonização dos populistas e dos seus adeptos, que terminou por modelar a visão liberal, defendida pelos políticos que faziam parte do “sistema”, alvo do discurso populista. Os políticos populistas são assim estigmatizados e passam a ser vistos como mentirosos, que fazem promessas que nunca são cumpridas e como aqueles que demonstraram uma capacidade para a retórica fácil e falta de caráter. *“O sentido negativo não se reporta só à figura do político populista, engloba também o fenómeno como um todo, considerando que só é possível a eleição de um populista por eleitores que sempre se comportam de maneira dependente, que não sabem votar ou como se estivessem à espera do “príncipe encantado”* (Cervi, 2001:152). O conceito de populismo começou a receber uma conotação depreciativa após várias vitórias

eleitorais contra liberais e conservadores, passando os populistas a ocupar também espaço na vida política.

Mapear, dissecar e explicar o fenômeno da comunicação política populista, é agora mais importante do que nunca. Com a maior dimensão assumida pelo populismo, é importante entender como é que a comunicação pode estar relacionada com o crescimento do populismo. Na ausência de “pesquisas específicas, sistemáticas e comparativas, vários argumentos foram apresentados sugerindo que a comunicação desempenha um papel significativo no aumento do populismo” (Aalberg, 2016:1). Anteriormente marginalizados, os populistas tornaram-se nos dias de hoje, uma parte significativa e poderosa na cena política em muitos países europeus. Importa compreender se o seu crescimento está relacionado com a forma como os populistas comunicam e interagem com os meios de comunicação social.

Nos anais da democracia moderna, o povo é soberano porque é dado ao “povo” o papel não apenas de fonte de autoridade política, mas também porque é visto como uma entidade unificada, capaz de atuar e retirar o poder aos governantes. A política democrática é legitimada por essa base popular, que também abre o caminho para o populismo. A teoria moderna da soberania popular distingue entre os poderes do governo, e os poderes do povo como base da autoridade do Estado. Posteriormente, a soberania popular foi expandida nas primeiras teorias modernas de representação. O que originalmente separava os “*fundamentos da autoridade do exercício do governo, a fim de mantê-lo sob controle, tornou-se uma fonte de tensão total sob a suposição de que o povo soberano poderia livrar-se do governo dos monarcas e recuperar seu poder*” (Kaltwasser et al, 2017:18).

Analisando componentes positivos e negativos, o componente de soberania popular do populismo está relacionado com a ideia de o povo ocupar o centro da política e das decisões políticas.

A mudança versus conservação, hoje em dia trazem à política, uma perspectiva não só estranha como também perigosa. No que respeita à mudança, observamos projetos autoritários que ameaçam as democracias ocidentais, que violam ou ameaçam violar direitos, conquistas sociais e políticas que davam mostras de estar já consolidadas (Mendonça, 2019:33).

## **Objeto**

O objeto do presente trabalho tem como tema central o populismo. No âmbito deste estudo, será alvo de investigação a caracterização / conceptualização do Populismo por

diversos teóricos políticos, revisão da literatura complementado pela abordagem de alguns casos de populismo a nível mundial.

O primeiro objetivo que se pretende atingir com o presente trabalho, é aprofundar conhecimentos adquiridos.

O segundo objetivo que se coloca neste estudo é, refletir teoricamente sobre o populismo.

Será o Populismo, uma solução para um sistema político gasto e corrupto?

Será o Populismo uma forma de devolver o poder político ao povo?

Estará o crescimento do Populismo relacionado com a forma como os populistas comunicam e interagem com os meios de comunicação social?

## **Discussão das fontes**

A dissertação é constituída com base num quadro teórico, utilizando fontes documentais escritas que englobam uma vasta diversidade de documentos, textos, livros e publicações. Foi tido em conta o fator de impacto ou Impact Factor, das publicações consultadas, já que é a principal medida utilizada para avaliar as revistas científicas por todo o mundo, ao contabilizar as citações recebidas. Atendeu-se ainda, a publicações de conceituados teóricos políticos.

## **Plano de trabalho**

Esta dissertação, gira em torno de uma investigação, caracterização, conceptualização e reflexão sobre o populismo.

A primeira parte deste trabalho compreende alguns elementos introdutórios acerca do populismo.

Segue-se o enquadramento do populismo e as conceptualizações realizadas por vários estudiosos sobre o populismo. Será realizada uma análise do impacto do populismo na atualidade e as suas consequências no discurso político e na sociedade. Serão apresentados quatro casos representativos de populismo: Donald Trump nos EUA; Marine Le Pen na França; Alexis Tsipras na Grécia; e Matteu Salvini na Itália.

Por fim, a conclusão, onde serão inseridas as expectativas para o Populismo no futuro.

# Capítulo 1– O Populismo

Populismo é um dos principais termos utilizados em pleno século XXI, na linguagem específica de setores profissionais, sociais e políticos. O termo é tão abrangente que é usado para descrever fações políticas da esquerda á direita. Todavia, pode constituir uma linguagem incompreensível e o seu amplo uso pode também criar confusão e frustração (Mudde e Kaltwasser, 2017:1).

Populismo tem sido o nome dado para qualquer projeto político que não seja o da manutenção da democracia existente. Na verdade, não há sequer a necessidade de haver um verdadeiro projeto alternativo à democracia liberal; basta uma simples menção ao povo como sujeito político para que o seu autor será acusado de populista. No entanto, para os liberais, é certamente mais fácil acusar os seus adversários e inimigos de “populistas autoritários” do que propriamente se preocuparem com os regimes representativos que defendem, os quais simplesmente, e a cada dia que passa, desprezam a vontade popular. Os liberais tornaram-se não somente conservadores, mas também reativos e projetivos: reagem a qualquer possibilidade de mudança e projetam, em qualquer adversário, as limitações e as exclusões das democracias existentes, como se essa atitude fosse capaz de apagá-las. Não as apaga e ainda só faz aumentar o imenso abismo entre o discurso liberal democrático e os cidadãos nas democracias ocidentais. Resta saber o que, de fato, distancia o cidadão médio do regime democrático, pois é nesta distância que emergem os discursos populistas (Mendonça, 2019:36-37).

O populismo é um conceito com diversidade de sentidos, sujeito a muitas descrições e altamente ambíguo. A definição conceitual é a principal dificuldade em termos de conhecimento científico, já que limitar a semântica rigorosa e unívoca não é uma tarefa fácil. No campo dos estudos sociais e políticos, pelas limitações definidas anteriormente, muitos pesquisadores ainda são profundamente céticos quanto à própria existência do fenómeno. Alguns autores consideram-no um fenómeno de pouca relevância que não produz qualquer efeito, ou uma manifestação incerta de algo dotado de maior consistência ontológica social. O amplo abuso jornalístico do termo, muitas vezes usado de forma muito imprecisa e contraditória, levando a pensar que populismo é tudo e nada, complica ainda mais. Anselmi, mostra que por trás da ambiguidade irrefutável da palavra populismo, *“está um amplo leque de temas que estão profundamente ligados aos processos democráticos, às formas de participação política e às dinâmicas sociais dos regimes políticos”* (Anselmi, 2018:5). Investigar profundamente o populismo, significa compreender o próprio destino das democracias contemporâneas.

Superando as dificuldades e procurando definir o Populismo, na tradição dos estudos, Anselmi (2018:5-6), refere que podem identificar-se três vertentes: a primeira, baseando-se em Germani e Laclau (por exemplo), consiste em dar uma explicação articulada do populismo, por meio de uma teoria da dinâmica social relacionada com os fenómenos a serem examinados; a segunda, particularmente original, na opinião de Margaret Canovan, propõe a resolução da diversidade de sentidos do conceito de populismo por meio da teoria da semelhança familiar de Ludwig Wittgenstein; numa terceira via, o populismo passa de um conceito fechado para uma família de conceitos, o que o torna um conceito aberto, semelhante à democracia e à ideologia. Canovan tentou então uma primeira taxonomia da forma populista, partindo da premissa que o populismo indica uma família de conceitos muito semelhantes, mas ao mesmo tempo, possui uma caracterização espacial e temporal específica.

Anselmi (2018:5-6) cita o papel de Margaret Canovan na enfatização da existência de uma correlação profunda entre fenómenos populistas e soberania popular; o populismo pode assim ser visto como uma sombra da democracia. Surge desta forma uma primeira definição geral de populismo: *“é a expressão social da soberania popular por meio de modalidades não mediadas”* (Anselmi, 2018:6-7). Os fatores básicos de uma primeira forma de populismo, são o enfraquecimento dos mecanismos de mediação social de poder que se estabelecem entre governantes e governados, em conjunto com a perspectiva de uma ação coletiva a partir de um povo-comunidade. De facto, esta definição precede a oposição de conceito entre populismo e regime democrático espelhado por exemplo no populismo russo, que foi a primeira forma histórica desse tipo de fenómeno. Desenvolvendo-se no contexto autoritário czarista, onde não havia quadro de referência institucional democrático, o populismo russo foi capaz de elaborar uma perspectiva para destronar a soberania autoritária, a mesma perspectiva que foi reinterpretada em tom marxista pelo movimento revolucionário bolchevique. O populismo assume uma possibilidade social de mudança radical (ou pelo menos contraste) da prevalência absoluta da supremacia dos governantes por parte dos governados. Por outro lado, a soberania popular abre a possibilidade de deslegitimar as relações de poder existentes e de criar novas (Anselmi, 2018:7).

## **1.1 - Definição Mínima do Conceito de Populismo**

Para Zuquète (2016:12), o mínimo populista expressa-se pela concordância absoluta entre a política e a soberania popular, com a sociedade dividida entre dois grupos homogêneos, *“fundamentalmente antagónicos, e julgados moralmente de maneira radicalmente oposta: o povo, autêntico e negligenciado, e a elite, nefanda e*

*usurpadora*” (Zuquète, 2016:12). Incompatibilidade esta, ancorada no bem versus mal (dualismo) prática corrente nos estudos sobre populismo e recurso à palavra «maniqueísmo» –com origem na religião persa antiga, que dividia o mundo em princípios diametralmente antagônicos de luz e da escuridão. Esta abordagem do conceito permite tornar compreensível a maleabilidade do populismo: quanto à sua não exclusividade ideológica. A ausência de elementos programáticos estáveis e enraizados, típicos de ideologias mais densas e completas possibilita incorporar-se quer em movimentos de direita quer em movimentos de esquerda, e moldar-se a diferentes propostas económicas e projetos de sociedade. (Zuquète, 2016:12)

Anselmi (2018:7-8) considera, o populismo político plenamente desenvolvido quando um fenómeno populista se manifesta num contexto republicano e democrático não autoritário. Contudo, abundam as teorias sobre populismo político, pelo que convém examiná-las detalhadamente, pois cada uma delas permite uma análise específica em profundidade. No conceito de democracia, elaboraram-se infinitas teorias e propuseram-se muitas definições, pelo que, a ciência política voltou-se posteriormente para a busca de uma definição mínima, a fim de permitir uma ponderação empírica dos diversos fenómenos, levando a que peculiaridades diferentes sejam atribuíveis ao conceito de democracia. O mesmo caminho segue o Populismo. Para tanto, o populismo precisa de ser considerado como uma configuração específica de poder político, com determinações sociopolíticas específicas - *“uma rede de interdependências formadas entre os seres humanos e ligadas entre si: uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes”* (Anselmi, 2018:7-8). Analiticamente, esta configuração compreende:

- uma comunidade-povo homogénea, interclasse detentora absoluta da soberania popular. As pessoas da comunidade expressam uma atitude antissistema. O povo-comunidade afirma-se como alternativa às elites pré-existentes acusadas de exclusão e decadência do sistema político.
- um líder em conexão direta com os cidadãos da comunidade (exceção no populismo penal).
- um estilo discursivo que visa criar polarização política, argumentativo e comunicacional sempre maniqueísta, onde “nós” significa as pessoas da comunidade e “eles” significa tudo o que lhes é exterior (Anselmi, 2018:7-8).

A teoria minimalista, na perspectiva de Urbinati, inclui todas as interpretações do populismo com base nas suas metáforas ideológicas, no seu estilo de política em relação à ostentação retórica e à cultura nacional e às estratégias concebidas pelos líderes para

alcançar o poder. O objetivo desse esforço é evitar julgamentos normativos para procurar uma compreensão sem preconceitos e, ser o mais inclusivo possível quanto a todas as experiências de populismo. Mudde é referenciado como o autor que mais contribuiu para definir o quadro ideológico dentro deste minimalismo não normativo. Mudde afirma que o populismo se parece com *"uma ideologia ténue que considera a sociedade como, em última análise, separada em dois grupos homogêneos e antagônicos ... e que argumenta que a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo"* (Mudde, 2004:543). Hábeis em ultrapassar a divisão esquerda / direita, os movimentos são considerados populistas devido à sua avaliação moral maniqueísta (conceção dualista do bem e do mal) da política, graças à qual elevam a "volonté générale" de Rousseau e, rebaixam o respeito liberal pelos direitos civis e pelos direitos das minorias em particular, *"nem a representação, nem o papel do líder, nem a radicalização da maioria figuram nesta versão minimalista"* (Mudde e Kaltwasser, 2013:206-208 como citado em Urbinati, 2019:116). No entanto, a contraposição ideológica entre muitos honestos e poucos corruptos não é exclusiva da retórica populista.

## **1.2 - Caracterização / conceptualização do Populismo por diversos teóricos políticos**

Conceituados teóricos políticos expuseram nas suas obras a temática do populismo. Seguem-se os principais pontos de vista dos autores mais significativos. A escolha destes autores prendeu-se essencialmente, com a referência que a estes é feita nas diversas obras consultadas.

### **1.2.1 -Margaret Canovan**

Em 1999, Margaret Canovan tornou-se conhecida pela sua definição de populismo como "a sombra da democracia" uma metáfora poderosa usada para aludir aos mecanismos profundos dos sistemas democráticos. A análise articulada de Canovan, continua a ser um dos exames mais coerentes e complexos do problema, *"consciente da complexidade do conceito de populismo, Canovan recusou-se a reduzir a pluralidade dos fenómenos populistas históricos a apenas uma categoria, embora reconhecesse a extrema ambiguidade teórica desse conceito"* (Anselmi, 2018:23). Canovan preferiu adotar uma abordagem múltipla para a compreensão dos vários populismos, em vez de reduzir o populismo a um rótulo pré-fixado ou fixá-lo numa categoria. Importava, pois, resistir à tentação de superar a polissemia intrínseca deste conceito, tentando

definições unitárias e excessivamente gerais. Ao invés, defendia o respeito do caráter aberto e variado dessa categoria, pretendendo investigá-la de forma fenomenológica. Canovan, considera que existe uma família de populismos (teoria da “semelhança de família” de Ludwig Wittgenstein) cada um deles possuindo traços diferentes de acordo com o contexto social e histórico. Para Canovan, foi de fundamental importância, compreender a especificidade histórica do populismo e ainda mais, a sua dinâmica social, para o que propôs um estudo sistemático dos populismos de natureza sociológica, de modo a que o populismo constituísse uma categoria sociológica e não histórica. Partindo de premissas históricas, Canovan propôs uma primeira tipologia de populismo, consciente de que fenômenos reais que habitualmente apresentam traços mistos de uma ou mais categorias (Anselmi, 2018:24).

Hoje em dia e sensivelmente desde a última década, o que se encontra com maior probabilidade nas notícias é o termo 'Novo Populismo' caracterizado por um conjunto de movimentos, sobretudo à direita do espectro político, que surgiram em democracias com muitos liberais estabelecidos, que desafiam os partidos existentes e as políticas dominantes. Ainda que, pareça fácil de identificar e caracterizar, os fenômenos políticos do 'Novo Populismo' levantam questões interessantes sobre a relação entre os apelos populistas e democráticos ao 'povo'. Com estilo tipicamente conflituoso, afirmam representar a fonte legítima de poder legítimo - o povo, ignorado nos seus interesses e desejos por políticos com interesses próprios e intelectuais politicamente corretos. Em geral, os que desafiam não se reconhecem como "populistas" e, mesmo possuindo alguns vínculos, recusam integrar ramos de um movimento ideológico internacional, e apesar das muitas diferenças existentes nas filosofias políticas que perseguem, acabam por compartilhar um estilo e mensagem distintos (Canovan, 2004:242).

Ao argumentar que falam em nome das massas esquecidas e das pessoas comuns, os Novos Populistas, assumem a sua causa. A sua campanha e os valores que expressam, têm por base as preocupações locais e o tipo de regime político que desafiam. Sistemáticamente críticos dos políticos profissionais e da comunicação social, colocam em voz alta o que as pessoas pensam, especialmente, se isso, foi considerado pela elite como polémico. É frequente os novos populistas pedirem referendos para resolução das questões de interesse popular, contornando os políticos profissionais, tentando deixar as decisões para o povo. Para destacar a sua proximidade com as bases e o seu distanciamento com o poder político, tendem também a usar uma linguagem mais pitoresca, direta e pouco diplomática. Sentem-se mais à vontade na oposição, contudo alguns tiveram suficiente sucesso eleitoral para dividir o poder. Jean Marie Le Pen ao alcançar o segundo lugar decisivo nas eleições presidenciais francesas em 2002, personificou o sucesso e a força do desafio populista para estabelecer políticas

democráticas liberais. Canovan considera que *“problemas metodológicos surgem não tanto no reconhecimento de semelhanças entre esses movimentos, mas na tentativa de decidir o que é “populista” sobre eles e o que, se houver, eles têm em comum com outros fenómenos políticos passados e presentes conhecidos pelo mesmo rótulo”* (Canovan, 2004:242-243).

Na política ocidental contemporânea, o termo 'populismo' é usado não só para definir a política de confrontação que mobiliza pessoas comuns contra o sistema, mas também para assumir uma tática clássica usada entre os políticos, ou seja uma espécie de política 'pega-tudo' que se propõe a apelar para o povo como um todo. Discorrendo sobre populismo, pode questionar-se sobre o que é que o "populismo" ao estilo de Blair tem em comum com o de Le Pen, e o que é que liga qualquer um deles a todos os outros também chamados "populismos". Desde o cartismo inglês do século XIX, aos narodniks russos, ao Partido do Povo dos Estados Unidos da década de 1890, aos regimes latino-americanos como os de Juan Peron e Hugo Chávez, qual a justificação, se existir, para os colocar todos num único compartimento, denominado como 'populismo'? Ainda que a forma do termo sugira afinidades com movimentos ideológicos como socialismo, liberalismo ou nacionalismo, 'ismos' de modo geral, que englobam uma ampla gama de variação, cada movimento possui um grau de coerência de história contínua, a disposição por parte da maioria deles de se identificarem pelo nome, princípios e políticas, distintivos e assim por diante. O populismo não se encaixa nesse padrão. No Populismo, não existe uma história, ideologia, programa ou base social comum reconhecida, e o termo é geralmente aplicado a movimentos que não encaixam nos pré-existentes e, muitas vezes como um termo de abuso. Os membros do Partido do Povo dos EUA eram incomuns ao se autodenominarem "Populistas", uma exceção já que a maioria dos que recebem nos dias de hoje o rótulo não o adotam (Canovan, 2004:243). Para Canovan (2004: 243-244) as tentativas de caracterização geral do populismo têm sido controversas, apesar de alguns analistas apresentarem definições ou listas de características essenciais e, outros encontrarem apenas conexões mais ténues e semelhanças familiares frouxas entre os diferentes candidatos. Primeiramente, presumia-se que o terreno comum a procurar devia ser uma base socioeconómica, no entanto, estudos mais recentes, tendem a concentrar-se no discurso populista, na retórica de apelos ao "povo" contra a estrutura de poder estabelecida, ideias e valores dominantes na sociedade (Canovan, 2004:243-244; Mendonça, 2014:57). Os teóricos que se interessam por estas questões, devem com toda a certeza juntar "populismo" à sua lista de casos problemáticos. A recente ênfase na retórica populista incide sobre a questão (muito além das questões relativas à definição): *“Se o populismo é de fato caracterizado por apelos ao “povo”; se, além disso, esses apelos estão encontrando*

*uma audiência nas democracias ocidentais maduras, então como o populismo está relacionado à democracia?”* (Canovan, 2004:243-244). Os movimentos populistas são amplamente considerados ameaças à democracia, especialmente na Europa e na América Latina. Contudo, os Novos Populistas afirmam claramente ser verdadeiros democratas, empenhados em reivindicar o poder para o povo.

### 1.2.2 – Jane Mansbridge e Stephen Macedo

Jane Mansbridge e Stephen Macedo consideram elemento central do populismo, o povo situado na batalha moral contra as elites, muitas vezes beneficiando a democracia, por permitir conduzir a política democrática de volta às suas raízes normativas aos desejos e necessidades dos cidadãos comuns e desafiar, por motivos igualitários e de justiça, a elite política, econômica e cultural. Não obstante o antagonismo moral inerente aos elementos centrais do populismo tem como potencial minar o compromisso democrático de tratar com respeito todos os membros da política, incluindo os membros da elite e também de minar a capacidade de negociação e compromisso da democracia. Em sequência, criam-se duas categorias de características não essenciais: a primeira categoria inclui a homogeneidade do povo, a sua exclusividade, um governo mais direto e mais nacionalista, características que os elementos centrais fortemente sugerem, mas não exigem; a segunda categoria, inclui um único líder incorporando o povo, antagonismo a grupos externos vulneráveis e, uma coleção de características rotuladas como sendo do conhecimento do povo, características frequentemente correlacionadas com os elementos centrais. Das características expostas, frequentemente se infere que estas representam grandes perigos para a tolerância e inclusão, vitais para as democracias pluralistas (Mansbridge e Macedo, 2019:60).

Mansbridge e Macedo tal como, por exemplo Judis, Kazin, Mudde and Kaltwasser, Müller e Urbinati por eles citados, consideram a distinção entre populismo na oposição e populismo no poder. Na oposição, o populismo revitaliza com frequência a democracia, quando os ideais populistas e o fervor moral que anima o antagonismo às elites, rompem um domínio político e discursivo dominante, trazendo preocupações para a arena política que haviam sido ignoradas ou suprimidas. Já o populismo no poder, representa riscos para a democracia em virtude do mesmo fervor moral e da dicotomia nós/eles (de quando os populistas estão na oposição e que ajudam a romper a ordem política e cultural enraizada). Quando os populistas assumem o poder, tendem a ignorar o respeito mútuo, tolerância, negociação, compromisso e respeito pelas

instituições constitucionais necessárias para satisfação das políticas democráticas igualitárias e pluralistas (Mansbridge e Macedo, 2019:60).

Os quatro elementos centrais do populismo são o povo, numa batalha moralmente carregada, contra as elites. Todos os movimentos populistas afirmam representar "o povo" e todos concebem as pessoas comuns como moralmente boas e oprimidas e, as elites como corruptas e moralmente erradas. A relação entre "o povo" e as elites é vista como antagónica. Surge assim a definição mínima de populismo, vista como o povo numa batalha moral contra as elites. Nesta definição de populismo, o "povo" significa a população comum, mas deixa em aberto a sua precisa identidade. Para os praticantes e teóricos do populismo, "Povo" significa sempre o homem/ cidadão comum, embora a identidade específica varie. Kazin refere, que no movimento populista original dos Estados Unidos do século XIX, o "povo" se referia aos produtores de bens (em oposição aos financiadores parasitas, proprietários de ferrovias e monopolistas), uma categoria que incluía capatazes e arrendatários, trabalhadores e proprietários de pequenos negócios, rurais e moradores urbanos (Kazin, 2017:2-4, como citado em Mansbridge e Macedo, 2019:61). A partir dessa época, conforme refere Laclau, "o povo" muitas vezes passa a significar o trabalhador e o "oprimido", em contraste com a elite económica, política e cultural. Laclau e Mouffe *"observam que nas condições em que os principais partidos e instituições negligenciaram ou marginalizaram ativamente os interesses não pertencentes à elite, o "povo" muitas vezes deve ser construído, sugerindo que eles não têm identidade compartilhada até que sejam mobilizados"* (Laclau e Mouffe, como citado em Mansbridge e Macedo, 2019:61). Em oposição, a forte implicação do populismo, tornada muitas vezes manifesta, toma o povo como a maioria, injustamente marginalizado e ignorado, quando os seus interesses deveriam ser centrais numa democracia. Esta afirmação, implícita em todas as versões de populismo, não significa que o povo seja homogéneo. Na maioria dos movimentos populistas, as elites têm uma identidade mais clara do que o povo, podendo ser uma identidade económica, política, militar ou cultural (Mansbridge e Macedo, 2019:61).

Comumente, todos os movimentos populistas afirmam que alguns segmentos da elite são corruptos, em comparação com as pessoas comuns, e todos empregam uma linguagem moral para condenar o domínio da elite (Mansbridge e Macedo, 2019:61).

Os quatro elementos centrais do populismo descritos anteriormente, sugerem fortemente quatro outras características: *"(a) um povo homogéneo, (b) um povo exclusivo, (c) maior domínio popular direto e (d) nacionalismo. É comum também, três outras características acompanharem os elementos centrais e características sugeridas: (a) a incorporação do povo em um único líder, (b) oposição a grupos externos vulneráveis e vilipendiados, e (c) a valorização do conhecimento popular*

*autêntico do povo combinado com a desvalorização da deliberação e perícia”* (Mansbridge e Macedo, 2019:62 e 65).

### 1.2.3 – Nadia Urbinati

Na opinião de Nadia Urbinati (2019:112) Populismo é um termo ambíguo que escapa a definições nítidas e incontestáveis, porque, “não é uma ideologia ou um regime político, e não pode ser atribuído a um conteúdo programático específico”, antes aparecendo como uma forma de ação coletiva que visa a afirmação das suas ideias.

O populismo, dependendo dos períodos e dos lugares pode ser considerado como uma forma de fazer política e que pode assumir várias formas, considerando não poder ser conciliável com formas não democráticas de política, já que se apresenta como uma tentativa de construir um sujeito coletivo por meio do consentimento e de contestar uma ordem social em nome dos interesses da grande maioria (Mouffe, 2016, como citado em Urbinati, 2019:112). É referido no Oxford English Dictionary, que o populismo se empenha em atrair pessoas comuns que sentem as suas preocupações desconsideradas por grupos de elite estabelecidos. Enquanto a interpretação populista do povo destaca a inclusão de muitos “comuns”, essa inclusão acontece por meio de um processo paralelo de exclusão: “*O estabelecimento político é a externalidade contra a qual o “povo” do populismo se posiciona e sem a qual o populismo não pode existir*” (Urbinati, 2019:112). Independentemente da conotação ideológica que possa ter o apelo ao povo, quer à direita quer à esquerda, Urbinati argumenta que o populismo é estruturalmente marcado por uma parcialidade radical na interpretação do povo e da maioria, o que pode levar uma vez chegado ao poder, a um forte impacto desestabilizador nas instituições, no estado de direito e na divisão dos poderes que compõem a democracia constitucional. A democracia constitucional pode estender-se até às fronteiras extremas e abrir a porta para soluções autoritárias que podem culminar em ditadura; caso essa mudança de regime ocorresse, o paradoxo é que o populismo seria derrubado (Urbinati, 2019:112).

O populismo não possui um regime próprio. O seu estilo e o seu teor são derivados de um tipo de democracia baseada na representação e na constituição, que utiliza eleições (ocasionalmente, formas diretas de voto popular, como o referendo e o plebiscito). A sua arena política é feita de associações baseadas em questões e filiações partidárias, não apenas atores individuais e/ou eleições. Surgindo no domínio da opinião, o populismo questiona características da democracia, em especial, incide sobre a percepção de que a política parlamentar e partidária, não representa adequadamente algumas parcelas-chave da população (Norris, 1997, como citado em Urbinati,

2019:113), questiona a representação eleitoral ou de mandato, criando um fosso entre o povo como princípio de legitimidade e o povo como realidade social real e, portanto, entre eleitores e eleitos. O populismo propõe-se preencher essa lacuna fazendo do seu povo a medida de justiça política e da legitimidade, justificando ser esta a única estratégia para respeitar o poder soberano da nação contra seus inimigos internos e externos, como os poucos poderosos, grupo de pessoas com grande influência ou poder, capitalismo global, imigração ou fundamentalismo islâmico - os fatores determinantes na retórica populista de sucesso de hoje (Skocpol and Williamson, 2012, como citado em Urbinati, 2019:113 ). O problema é que no populismo, o povo não se representa, e os populistas não solicitam autonomia direta. A identidade rival do populismo é reivindicada por um líder representativo que dá nome ao seu regime populista, que mobiliza a comunicação social de modo a convencer o público que ele representa as muitas formas de descontentamento do povo, contra o “status quo” covarde dos partidos tradicionais (Laclau, 2004:40). O populismo para alcançar o poder, necessita sempre de uma narrativa unificadora e de um líder que afirma incorporá-la, caso contrário continua apenas como um movimento de contestação contra uma tendência da sociedade que trai alguns princípios democráticos básicos, em particular a igualdade. O populismo é mais do que um estilo retórico e de protesto político. Logo, a teoria política do populismo deve focalizar o populismo no poder, ou a maneira como o populismo interpreta, usa e modifica a democracia representativa, seu principal alvo nos nossos dias. Para Urbinati, na análise do populismo no poder, embora seja uma transformação interna da democracia representativa, o populismo pode adulterá-la ao tornar os princípios da legitimidade democrática (povo e maioria) propriedade de uma parte do povo, que um líder forte personifica e se mobiliza contra outras partes (minorias e oposição política) - *“O populismo no poder é um majoritarismo extremo”* (Urbinati, 2019:113).

Urbinati argumenta que *“uma conexão explícita do populismo com a democracia é o motor da teoria máxima do populismo, que oferece não apenas uma concepção, mas também um modelo prático para a formação de movimentos e governos populistas”* (Urbinati, 2019:117-118) - teoria que propõe uma concepção discursiva e construtivista do povo e se sobrepõe à concepção ideológica e ao momento retórico que enfatiza. Não considera o populismo um esquema de dualismo moral maniqueísta entre o povo e a elite, considerando que o populismo contemporâneo não é o produto de uma força malévola, mas do próprio modelo de democracia representativa e constitucional, que estabilizou as nossas sociedades após a Segunda Guerra Mundial e, que torna a própria política no dualismo amigo / inimigo (referência a Carl Schmitt) capaz de preponderância e consenso. Baseando-se em Laclau e Laclau & Mouffe o populismo é

considerado o próprio nome da política e de democracia, porque se trata de um processo pelo qual uma comunidade se constrói livre e publicamente, como sujeito coletivo (o povo) que se opõe a outro coletivo (não popular ou de elite) e, enfrenta uma supremacia existente com o objetivo de tomar o poder (Laclau, 2005 e Laclau & Mouffe, 2001, como citado em Urbinati, 2019:117). Porque a vontade do povo é construída por meio da mobilização e consentimento direto do povo, o populismo é a democracia no seu melhor, e é a política no seu melhor, na medida em que emprega apenas dispositivos discursivos e a arte da persuasão: *“Esta concepção de populismo mostra como o povo é uma identidade totalmente artificial, um significante vazio que não está alicerçado na estrutura da sociedade e baseado exclusivamente na capacidade de um líder (e seus intelectuais) de explorar a insatisfação de uma variedade de grupos, e mobilizar a vontade das massas cujas reivindicações não são ouvidas pelos partidos políticos existentes e, portanto, carecem de representação adequada”* (Urbinati, 2019:118). O populismo, segundo Urbinati, não se resume a um ato de contestação ao modo como poucos governam, mas uma busca voluntarista de poder soberano por aqueles que as elites tratam como oprimidos, e aspira a tomar decisões relativas à ordem social e política, a excluir as elites e, finalmente, a conseguir uma maioria e usar o estado para reprimir, explorar ou conter os seus adversários. Ao mesmo tempo, o populismo expressa a denúncia da exclusão e a construção de uma estratégia de inclusão por meio da exclusão do “establishment” (Urbinati, 2019:118). Torna-se assim, um sério desafio à democracia constitucional, quando governa com uma política intervencionista e redistributiva, fazendo promessas com base na igualdade de poder dos cidadãos (Saffon e González-Bertomeu, 2017:416). Numa democracia populista, *“o domínio da generalidade como critério de julgamento e legitimidade desaparece na leitura construtivista do povo, enquanto a política consiste na busca e na formação de poder, em que vencer o conflito político é por si só a medida de legitimidade”* (Urbinati, 2019:118). Nesse sentido, Laclau afirmou que o populismo é a demonstração do poder formativo da ideologia e do caráter contingente da política. Nesta perspectiva, o populismo torna-se o equivalente a uma versão radical da democracia, em oposição ao modelo liberal-democrático, que valoriza os partidos tradicionais e debilita a participação eleitoral (Mouffe, 2005; Errejón & Mouffe, 2016, como citado em Urbinati, 2019:118).

Com o populismo no poder, uma parte da população atinge um poder superior sobre outro(s), e compete com a democracia constitucional, ao unir uma representação específica do povo e a soberania do povo, e formando uma nova forma de governo misto. Urbinati argumenta que se atinge essa fusão denominando o que chama de representação direta, uma espécie de democracia que se baseia na relação direta entre o

líder e o povo. *“Para compreender e avaliar criticamente o populismo, temos que assumir a democracia em sua forma representativa e partidária, condição que é pouco apreciada na atual teoria da democracia, seja processual ou deliberativa”* (Urbinati, 2019:124).

Sob o ponto de vista de teoria política, Urbinati destaca que o populismo é uma estratégia de reequilíbrio da distribuição do poder político, entre grupos sociais estabelecidos e os emergentes. Daí advém, que a tensão resultante entre a democracia liberal e o populismo decorre da maneira como essas ideologias entendem as relações entre as instituições representativas e a ‘vontade do povo’. *“Para os populistas, a principal tarefa das instituições políticas não é servir como sistemas de freios e contrapesos ou como protetores dos direitos civis, mas sim como ferramentas instrumentais para traduzir a vontade da maioria em decisões políticas”* (Urbinati, 1998, como citado em Gidron e Bonikowski, 2013:18).

#### 1.2.4 - Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser

Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser posicionam o populismo antes de mais nada, no contexto da democracia liberal. A escolha é mais informada pela teoria empírica do que pela ideologia. Teoricamente, consideram que o populismo é fundamentalmente mais ligado à democracia liberal do que à democracia em si ou a qualquer outro modelo de democracia. Empiricamente, a maioria dos populistas relevantes, movimenta-se dentro de uma estrutura liberal democrática, ou seja, um sistema que é ou aspira a ser liberal democrático. Considerando esse foco particular e obviamente limitante, significa que não se considera a democracia liberal perfeita, ou qualquer sistema democrático alternativo por definição antidemocrático, nem se aplica a abordagem apenas dentro de uma estrutura democrática liberal (Mudde e Kaltwasser, 2017:3).

A abordagem da agência popular considera o populismo um modo de vida democrático, construído por meio do aliciamento popular à política. Particularmente comum entre os historiadores nos Estados Unidos e entre os escritores dos primeiros populistas norte-americanos adeptos do Partido Populista do final do século XIX, a abordagem da agência popular considera o populismo essencialmente uma força positiva para a mobilização do povo e para o desenvolvimento de um modelo comunitário de democracia, por isso uma interpretação mais ampla e mais restrita dos atores populistas, do que aquela feita à maioria das outras abordagens, incluindo quase todos os movimentos de massa progressistas. A abordagem Laclau do populismo, é particularmente corrente dentro da filosofia política, a nível mundial. É baseada no seu trabalho, bem como na colaboração mais recente, da sua esposa belga Chantal Mouffe, aqui o populismo é considerado não apenas como a essência da política, mas também

como uma força emancipatória. Nessa abordagem, a democracia liberal é considerada o problema e a democracia radical a solução. O populismo pode levar à democracia radical reintroduzindo o conflito na política e promovendo a mobilização de setores excluídos da sociedade com o objetivo de mudar o status quo (Mudde e Kaltwasser, 2017:3).

Uma abordagem mais recente particularmente popular entre estudantes de sociedades latino-americanas e não ocidentais, considera o populismo, essencialmente uma estratégia política empregada por um tipo específico de líder, que busca governar com base no apoio direto e imediato dos seus seguidores. A abordagem realça que o populismo implica o aparecimento de uma figura forte e carismática, que concentra o poder e mantém uma conexão direta com as massas. Baseando-se num líder, o populismo não pode persistir ao longo do tempo, pois o líder mais cedo ou mais tarde é finito o que leva inevitavelmente a um processo conflituoso para sua substituição. Outra abordagem considera o populismo predominantemente como um estilo folclórico de política, que os líderes e partidos utilizam para mobilizar as massas - abordagem particularmente popular nos estudos de comunicação (política), bem como na comunicação social. Esta abordagem do populismo, alude ao comportamento político amadorístico e não profissional, que visa maximizar a atenção da comunicação social e o apoio popular. Em muitas situações, desrespeitando o código de conduta e os modos de linguagem, os populistas conseguem apresentar-se não apenas, como diferentes e inovadores, mas também como líderes corajosos que se posicionam com "o povo" em oposição à "elite". Em cada abordagem encontram-se méritos importantes, e vários aspetos são compatíveis com a abordagem idealista dos autores (Mudde e Kaltwasser, 2017:4-5).

Para Mudde, definir populismo como uma ideologia ténue, é útil para entender a frequentemente alegada maleabilidade do conceito em questão. *“Uma ideologia é um corpo de ideias normativas sobre a natureza do homem e da sociedade, bem como sobre a organização e os objetivos da sociedade. Simplificando, é uma visão de como o mundo é e deveria ser”* (Mudde e Kaltwasser, 2017:6). Ao contrário das ideologias, como por exemplo, fascismo, liberalismo, socialismo, "centradas em densidade" ou "completas", as ideologias centradas em partículas, como o populismo, têm uma morfologia restrita, que necessariamente aparece anexada e, às vezes, é até assimilada por outras ideologias. O populismo, quase sempre aparece ligado a outros elementos ideológicos, cruciais para a promoção de projetos políticos, e de interesse para um público mais amplo. Em consequência, o populismo por si, só se torna incapaz de oferecer respostas complexas ou abrangentes para as questões políticas geradas pelas sociedades modernas. Daí advém que o populismo pode assumir formas muito

diferentes, dependentes da forma pelas quais os conceitos centrais do populismo parecem estar relacionados a outros conceitos, originando quadros interpretativos que podem ser mais ou menos atraentes para diferentes sociedades. Analisado sob esse prisma o populismo, deve entender-se como uma espécie de mapa mental por meio do qual os indivíduos analisam e compreendem a realidade política. *“Não é tanto uma tradição ideológica coerente, mas um conjunto de ideias que, no mundo real, aparece em combinação com ideologias bastante diferentes e às vezes contraditórias”* (Mudde e Kaltwasser, 2017:6).

Para Cas Mudde e Cristóbal Rovira Kaltwasser (2017:9) o populismo tem três conceitos básicos: o povo, a elite e a vontade geral. Adotando uma abordagem idealista, Mudde e Kaltwasser definem populismo como uma ideologia ténue (o populismo é tão maleável no mundo real), que ganhou destaque não apenas em diferentes momentos históricos e partes do mundo, mas também em formas ou “subtipos” muito diferentes. A abordagem idealista tem várias vantagens sobre as abordagens alternativas, ainda que o populismo tenha sido definido de outras formas, nomeadamente como um movimento multiclasse ou um tipo específico de mobilização ou estratégia política. *“Devido ao seu núcleo e conceitos ideológicos restritos, o populismo aparece necessariamente ligado a outros conceitos ou famílias ideológicas, que normalmente são pelo menos tão relevantes para os populistas quanto o próprio populismo”* (Mudde e Kaltwasser, 2017:19). Em especial, os políticos combinam o populismo com uma variedade de outras ideologias estreitas e densas (agrarianismo, nacionalismo, neoliberalismo e socialismo) que oferecem uma narrativa global e uma visão holística da agenda política. O populismo quer romper com o sistema, mas não oferece uma visão geral do que é que o deve substituir e dirige-se apenas a uma estreita parte da agenda política (Teixeira, 2018:78). A abordagem idealista é capaz de acomodar uma ampla gama de políticos normalmente associados ao fenómeno, ao contrário das definições que limitam o populismo a um tipo específico de mobilização e liderança. Os populistas mobilizam de muitas maneiras diferentes, quer por meio de movimentos sociais pouco organizados, quer por meio de partidos políticos fortemente estruturados. Ainda que, um certo tipo de liderança seja predominante, os líderes populistas surgem no espaço político de muitas formas e assumindo dimensões diferentes. Contudo, todos têm uma coisa em comum: uma imagem cuidadosamente elaborada da *“vox populi”*. A abordagem idealista em debates sobre populismo posiciona-se de maneira única para fornecer uma resposta mais abrangente e multifacetada à questão crucial: qual é sua relação com a democracia? Populismo e democracia não têm uma relação tão direta como afirmam muitos oponentes ou poucos protagonistas. A complexidade da relação baseia-se no facto do populismo ser amigo e

inimigo da democracia (liberal), dependendo do estágio do processo de democratização. Em último lugar, definir o populismo como uma ideologia permite-nos ver tanto o lado da demanda, quanto o lado da oferta, da política populista. A maioria das narrativas concentra-se exclusivamente na oferta populista, uma vez que define o populismo, como um estilo ou estratégia usada pela elite política. Contudo, a abordagem de Mudde e Kaltwasser incide também na demanda populista, ou seja, o apoio às ideias populistas ao nível de massas. Isso contribui para o desenvolvimento de uma compreensão mais abrangente das causas dos episódios populistas e dos custos e benefícios das respostas democráticas ao populismo (Mudde e Kaltwasser, 2017:19). Em suma, Mudde e Kaltwasser consideram o populismo uma ideologia que divide a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos: “o povo puro” versus “a elite corrupta” – uma «thin-centered ideology». A política deve ser a expressão da vontade do povo. Sendo uma thin ideology o populismo não é autossuficiente e por isso combina-se, frequentemente, e de modo geral, com o nacionalismo, à direita, ou com o socialismo, à esquerda (Mudde e Kaltwasser, 2017:19-20; Mendonça, 2014:57).

#### 1.2.5 – Ernesto Laclau

Ernesto Laclau é o teórico político “mestre” em matéria de Populismo e é citado por todos os outros teóricos políticos.

Para Laclau, qualquer definição pressupõe uma grade teórica que dá sentido ao que está definido, sentido esse – como espelhado na afirmação da própria noção de definição – que só pode ser estabelecido com base na diferenciação do termo definido de outra coisa, que a definição exclui. Por sua vez, isso, pressupõe um terreno no qual essas diferenças, como tais, são pensáveis. É esse terreno que não fica imediatamente óbvio quando denominamos um movimento(?), uma ideologia(?), uma prática política(?) populista. Nos casos de movimentos ou ideologias – atribuir a designação de populista envolveria diferenciar esse atributo de outras caracterizações no mesmo nível definidor, como “fascista”, “liberal”, “comunista” e assim por diante. Imediatamente, essa situação cria-nos uma tarefa complicada e, em última análise, autodestrutiva: encontrar aquele reduto final onde se situaria o populismo “puro”, irreduzível a essas outras caracterizações alternativas. Laclau (2004:103-104) argumenta que se tentarmos fazer isso, entraremos num jogo em que qualquer atribuição ao populismo de conteúdo social ou ideológico, é imediatamente confrontada com uma avalanche de exceções. Somos então forçados a concluir que, quando usamos o termo Populismo, algum significado real é pressuposto pelas nossas práticas linguísticas, mas que tal significado não é, no entanto, traduzível em qualquer sentido definível e muito menos,

por meio desse significado, apontar para qualquer referente identificável (que esgotaria esse significado). O que acontece quando passamos de movimentos ou ideologias como unidades de análise, para práticas políticas depende de como concebemos esse movimento. Se é orientado apenas pela unidade de um sujeito constituído ao nível da ideologia ou do movimento político, evidentemente, não progredimos um único passo na determinação do que é especificamente populista. As dificuldades assentes em determinar o carácter populista dos sujeitos de certas práticas, não podem incidir na análise das práticas enquanto tais, na medida em que estas expressam simplesmente a natureza interna desses sujeitos. No entanto, existe, uma segunda possibilidade, de que as práticas políticas não expressem a natureza dos agentes sociais, mas, em vez disso, constituam esses agentes. Nesse caso, a prática política teria algum tipo de prioridade ontológica sobre o agente (este seria apenas o precipitado histórico do primeiro). Considerando, esses termos ligeiramente diferentes: as práticas seriam mais unidades primárias de análise do que o grupo – ou seja, o grupo seria apenas o resultado de uma articulação de práticas sociais. Se esta abordagem estiver correta, podemos afirmar que não se considera um movimento populista porque na sua política ou ideologia apresenta conteúdos reais identificáveis como populistas, mas porque, mostra uma lógica particular de articulação dos conteúdos, sejam eles quais forem (Laclau, 2004:103-104).

Neste sentido, Laclau avança três proposições teóricas: *“(1) que pensar sobre a especificidade do populismo requer iniciar a análise a partir de unidades menores que o grupo (seja no nível político ou ideológico); (2) que o populismo é uma categoria ontológica e não ôntica (ou seja, o seu significado não deve ser encontrado em qualquer conteúdo político ou ideológico que entra na descrição das práticas de qualquer grupo particular, mas sim em um modo particular de articulação de quaisquer conteúdos sociais, políticos ou ideológicos que possam existir); e (3) que aquela forma articuladora, além de seus conteúdos, produz efeitos estruturantes que se manifestam principalmente no nível dos modos de representação”* (Laclau, 2004:103-104).

Dando início à análise, só existirá populismo se houver uma série de práticas político-discursivas construindo um sujeito popular, e a pré-condição para o aparecimento de tal sujeito é, a construção de uma fronteira interna que divide o espaço social em dois campos. Contudo, a lógica dessa divisão é determinada, pela criação de uma cadeia equivalente entre uma série de reivindicações sociais, em que o momento equivalente prevalece sobre a natureza diferencial das reivindicações. A cadeia equivalente não pode ser fruto de uma coincidência puramente ao acaso, mas ser consolidada por meio

do aparecimento de um elemento que dê coerência à cadeia, significando-a como totalidade. A esse elemento, Laclau (2004:111) chamou de "significante vazio".

A importância dos significantes vazios está em uniformizar um espaço social extremamente diversificado, que considera a articulação de reivindicações insatisfeitas e que, antes do processo articulatório, não tinham qualquer relação entre si, pois estavam isoladas nas suas particularidades (Laclau, 2004:111; Mendonça, 2014:64).

Todas essas características definidoras estruturais entram na categoria de populismo. O conceito de populismo que Laclau propõe é estritamente formal, pois todas as suas características definidoras estão exclusivamente relacionadas com um modo específico de articulação - a prevalência da lógica equivalente sobre a lógica diferencial, independentemente dos conteúdos reais que são articulados. Por isso, Laclau afirma que "populismo" é uma categoria ontológica e não ôntica (estuda o indivíduo). *"Desde uma perspectiva ontológica, o populismo não é uma ideologia, uma forma de governo ou regime político, mas uma lógica política que contrasta com uma lógica social"* (Laclau, 2013 como citado em Mendonça, 2019:44). A maioria das tentativas de definir o populismo tentou localizar o que lhe é específico num determinado conteúdo ôntico e, como resultado, terminaram num exercício autodestrutivo com dois resultados alternativos previsíveis: escolher um conteúdo empírico que é imediatamente transbordado por uma avalanche de exceções, ou apelo a uma "intuição" que não pode ser traduzida em nenhum conteúdo de conceito. O deslocamento da formação de conceito, dos conteúdos para a forma, produz várias vantagens (além da óbvia, que é evitar o sociologismo ingênuo que reduz as formas políticas à unidade pré-constituída do grupo). Primeiramente, obtemos uma forma de abordar o problema recorrente de lidar com a ubiquidade do populismo, que advém do fato de ele poder emergir de diferentes pontos da estrutura socioeconômica. Se os seus traços definidores se encontrarem na prevalência da lógica da equivalência, na produção de significantes vazios e na construção de fronteiras políticas por meio da interpelação do oprimido, compreendemos de imediato, que os discursos baseados nesta lógica articulatória podem partir de qualquer lugar na estrutura socioinstitucional: organizações políticas clientelistas, partidos políticos estabelecidos, sindicatos, exército, movimentos revolucionários entre outros. "Populismo" não define a política real dessas organizações, mas afirma-se uma forma de articular os seus temas, quaisquer que eles sejam (Laclau, 2004:114).

Laclau considera ainda, que enquanto existir política (considerando que o populismo é daí oriundo, se o seu argumento estiver correto), teremos divisão social. Uma inferência dessa divisão social é que uma seção dentro da comunidade apresentar-se-á como a expressão e representação da comunidade como um todo. Esse abismo não

pode ser erradicável, na medida em que temos uma sociedade política. Isso mostra que “o povo” só se pode constituir no terreno das relações de representação. A matriz representativa da qual surge “o povo” fundamenta-se: “numa certa particularidade que assume uma função de representação universal; na distorção da identidade dessa particularidade por meio da constituição de cadeias equivalentes; o campo popular resultante dessas substituições apresenta-se como representante da sociedade como um todo” (Laclau, 2004:114). Considerações essas têm algumas consequências importantes: “o povo”, ao operar em discursos populistas, nunca é considerado um dado primário, mas uma construção de discurso populista que não expressa simplesmente algum tipo de identidade popular original (na verdade, constitui o último); como resultado, as relações de representação, não são um nível secundário que reflete uma realidade social primária constituída noutra lugar, mas sim, ao contrário, o terreno primário dentro do qual o social é constituído - portanto, qualquer tipo de transformação política ocorrerá como um deslocamento interno dos elementos que entram no processo de representação; a consequência é que a representação não é uma segunda opção (como o filósofo francês Rousseau a teria considerado, de que o mais forte nunca é suficientemente forte para vencer sempre, senão transformando a sua força em direito e a obediência em dever ou seja, visa à conservação de uma determinada decisão política cristalizada numa certa instituição ou lei como se esta fosse um princípio transcendente, imanente, natural), resultante do abismo crescente entre o espaço comunitário universal e o particularismo das vontades coletivas realmente existentes. Ao invés, a assimetria entre a comunidade como um todo e as vontades coletivas, consiste naquele jogo estimulante chamado de política, a partir do qual encontramos os nossos limites, mas também as nossas possibilidades. Muitas coisas importantes resultam da impossibilidade de uma universalidade final - entre outras, o surgimento de "o povo" (Laclau, 2004:114).

O populismo tende a negar qualquer identificação ou classificação na dicotomia Direita / Esquerda. É um movimento multiclasse, o que não significa que todos os movimentos multiclasse possam ser considerados populistas. O populismo geralmente inclui componentes contrastantes, como uma reivindicação por igualdade de direitos políticos e participação universal para as pessoas comuns, mas combinada com algum tipo de autoritarismo, muitas vezes sob liderança carismática. Inclui ainda exigências socialistas (ou pelo menos uma reivindicação por justiça social), defesa vigorosa da pequena propriedade, fortes componentes nacionalistas e a negação da importância da classe. Defende a afirmação dos direitos das pessoas comuns em oposição aos grupos de interesses privilegiados, por norma considerados inimigos do povo e da nação. Qualquer desses elementos pode ser realçado de acordo com as condições culturais e

sociais, mas todos estão presentes na maioria dos movimentos populistas (Laclau, 2005:4).

### **1.3 - Abordagem do populismo segundo três características**

A divisão antagónica entre o povo e o centro do poder é a característica central e definidora de um fenómeno Populista (Mendonça, 2014:57). Há ainda outros traços do Populismo comuns aos vários autores apresentados. Destacam-se, entre outros: O “povo” é posicionado em oposição á “elite”; Populismo pode radicalizar ou ameaçar a democracia; atrai pessoas comuns (povo) que sentem as suas preocupações desconsideradas por grupos da elite estabelecida; está intimamente ligado á imagem do seu líder; O Populismo pode assumir formas muito diferentes.

O populismo é abordado pelos vários autores com opiniões fundamentadas, que interpreto sob três características básicas. O quadro que se segue procura relacionar as ideias principais, expressas em cada parte;

Quadro Teórico do Populismo baseado em três características

	Populismo	Autores
--	-----------	---------

Ideologia política	<p>Abordagem múltipla para a compreensão dos vários fenômenos populistas. Considera que existe uma família de populismos, cada um deles possuindo traços diferentes de acordo com o contexto social e histórico.</p>	Canovan
	<p>Consideram o povo elemento central do populismo, situado na batalha moral contra as elites, o que põe em causa o compromisso democrático de tratar com respeito todos os membros da política. Os quatro elementos centrais do populismo são “<i>o povo em uma batalha moralmente carregada contra as elites</i>”.</p>	Mansbridge e Macedo
	<p>Partilhando a opinião de Mouffe, considera que o populismo não é uma ideologia ou regime político, mas uma forma de ação coletiva que visa realizar potência. O populismo apresenta-se como uma tentativa de construir um sujeito coletivo por meio do consentimento e de questionar uma ordem social em nome dos interesses da grande maioria. Pode estender a democracia constitucional até à fronteira extrema e abrir a porta para soluções autoritárias e até mesmo para a ditadura.</p>	Urbinati
	<p>Populismo é uma ideologia ténue (maleável no mundo real), posicionado no contexto da democracia liberal, que ganhou destaque não apenas em diferentes momentos históricos e partes do mundo, mas também em formas ou “subtipos” muito diferentes. O populismo quase sempre aparece ligado a outros elementos ideológicos, cruciais para a promoção de projetos políticos de interesse de um público mais amplo. É uma espécie de mapa mental por meio do qual os indivíduos analisam e compreendem a realidade política. O populismo tem três conceitos básicos: o povo, a elite e a vontade geral. O populismo é essencialmente uma força positiva para a mobilização do povo e para o desenvolvimento de um modelo comunitário de democracia.</p>	Mudde e Kaltwasser
	<p>O “populismo” é uma categoria ontológica e não ôntica (estuda o indivíduo). O populismo é considerado não apenas como a essência da política, mas também como uma força emancipatória. O populismo é o próprio nome da política e da democracia, porque é um processo pelo qual uma comunidade de cidadãos se constrói livre e publicamente como um sujeito coletivo (o povo) que resiste a outro coletivo (não popular ou de elite) e, se opõe a uma hegemonia existente com o objetivo de tomar o poder.</p>	Laclau

Estilo político	<p>Estilo tipicamente conflituoso, afirma representar a fonte legítima do poder legítimo (o povo), e compartilham um estilo e mensagem distintos. Em geral, esses elementos que desafiam as elites não se reconhecem "populistas".</p> <p>Todos os movimentos populistas afirmam que alguns segmentos da elite são corruptos em comparação com as pessoas comuns, e todos empregam uma linguagem moral para condenar o domínio da elite.</p> <p>Questiona a representação eleitoral ou de mandato, criando um fosso entre o povo como princípio de legitimidade e o povo como realidade social real e, portanto, entre eleitores e eleitos – o populismo propõe-se preencher essa lacuna. O populismo não possui um regime próprio. O seu estilo e teor são derivados de um tipo de democracia baseada na representação e na constituição, que utiliza eleições. O sucesso deste modelo advém de enterrar o totalitarismo e favorecer o crescimento económico.</p> <p>O populismo é essencialmente um estilo político empregue por um tipo específico de líder que busca governar com base no apoio direto e imediato de seus seguidores; o populismo é predominantemente visto como um estilo folclórico de política, que os líderes e partidos utilizam para mobilizar as massas - abordagem particularmente popular nos estudos de comunicação (política), bem como, na comunicação social e revestida de comportamento político amadorístico e não profissional que visa maximizar a atenção da comunicação social e o apoio popular (por exemplo, desrespeitando o código de conduta e os modos de linguagem). Ainda que, um certo tipo de liderança seja predominante, os líderes populistas surgem de muitas formas e dimensões diferentes. Contudo, todos têm uma coisa em comum: uma imagem cuidadosamente elaborada da vox populi.</p> <p>Os populistas defendem a afirmação dos direitos das pessoas comuns em oposição aos grupos de interesses privilegiados, por norma considerados inimigos do povo e da nação. Qualquer desses elementos pode ser realçado de acordo com as condições culturais e sociais, mas todos estão presentes na maioria dos movimentos populistas.</p>	<p>Canovan</p> <p>Mansbridge e Macedo</p> <p>Urbinati</p> <p>Mudde e Kaltwasser</p> <p>Laclau</p>
Estratégia política	<p>Crítico de políticos profissionais e da comunicação social, o populista coloca em voz alta o que as pessoas pensam, especialmente se isso for considerado pela elite como polémico.</p> <p>Personificação do povo num único líder; oposição a grupos externos vulneráveis e vilipendiados, e a valorização do conhecimento popular autêntico do povo combinado com a desvalorização da deliberação e perícia.</p> <p>Para os populistas o povo é a medida de justiça política e de legitimidade, justificando ser esta a única estratégia para respeitar o poder soberano da nação contra os seus inimigos internos e externos. O populismo para alcançar o poder, necessita sempre de uma narrativa unificadora e de um líder que afirme incorporá-la. Não se resume a um ato de contestação ao modo como poucos governam, mas uma busca voluntarista de poder soberano por aqueles que as elites tratam como oprimidos, e aspira a tomar decisões relativas à ordem social e política, excluir as elites e, finalmente, conseguir uma maioria e usar o estado para reprimir, explorar ou conter os seus adversários.</p> <p>O populismo pode levar à democracia radical reintroduzindo o conflito na política e promovendo a mobilização de setores excluídos da sociedade, com o objetivo de mudar o status quo.</p> <p>O próprio populismo tende a negar qualquer identificação ou classificação na dicotomia Direita / Esquerda. O populismo geralmente inclui componentes contrastantes, como a reivindicação pela igualdade de direitos políticos e pela participação universal das pessoas comuns, mas combinada com algum tipo de autoritarismo, muitas vezes sob uma liderança carismática.</p>	<p>Canovan</p> <p>Mansbridge e Macedo</p> <p>Urbinati</p> <p>Mudde e Kaltwasser</p> <p>Laclau</p>

Fontes: Anselmi, 2018:23,24; Canovan, 2004:242-244; Mansbridge e Macedo, 2019:60-65; Urbinat, 2019:112-124; Mudde e Kaltwasser, 2017:3-20; Laclau, 2004:103-114 e Laclau, 2005:4.

## **1.4- O impacto do populismo na atualidade e as suas consequências no discurso político e na sociedade**

Sem dúvida, o referendo do Brexit e a eleição de Donald Trump em 2016, vieram acelerar o interesse acadêmico pelo populismo. Contudo, a sua expansão estende-se muito para além da América do Norte e do Reino Unido. A expansão (e ressurgimento) do apoio populista foi observado em vários graus, em países da Europa, sudeste da Ásia e Oceânia. O populismo tornou-se verdadeiramente um fenómeno global. De um modo geral, no contexto europeu, o populismo sempre se aliou a movimentos de extrema direita, antieuropeus e extremistas. Um exemplo contrário, prende-se com o partido SYRIZA na Grécia, em que a luta contra a austeridade neoliberal, o tornou um exemplo de populismo de esquerda e explica como o populismo pode existir de forma diferente, sendo difícil de determinar. As características ativas, inclusivas, democráticas e emancipatórias do SYRIZA na Grécia, são exemplo de uma mudança de perspetiva, além de uma força analítica exclusiva que equipara o populismo com a extrema direita, sendo que o populismo não serve para considerar e conceituar movimentos políticos que são racistas, fascistas e nacionalistas (Stavrakasis e Katsambekis, 2014 e Acharya, 2020, como citado em Licalzi, 2020:9-10).

Nos EUA, Donald Trump, Ted Cruz e Bernie Sanders, refletem a influência do Populismo, essencialmente na eleição de 2016, baseando a sua campanha no descontentamento dos eleitores com as classes governantes. Observando a tendência histórica, pode afirmar-se que o populismo está a crescer na retórica política contemporânea, embora o significado de populismo nunca tenha sido claro (Licalzi, 2020:9-10).

“Representantes”, que não representam e “representados” que não se sentem representados, cria a “crise de representação” da responsabilidade única dos regimes liberais-democráticos, que de fato, representam cada vez menos os seus cidadãos (Mendoza, 2019:38). Schumpeter (1984:297-305) argumenta que devido à incapacidade resultante do seu desinteresse político, aos cidadãos cabe somente a tarefa de eleger aqueles indivíduos que se reúnem para lhe fazer a vontade. A democracia liberal sempre deu uma grande liberdade aos representantes, para votar e tomar as decisões que lhes parecessem as mais acertadas. E é precisamente em razão dessa “representação fiduciária” que o campo político se foi paulatinamente unindo às solicitações dos mercados e dos demais agentes económicos, distanciando-se de uma virtual vontade do povo. Nas democracias ocidentais, a “crise de representação” reflete essencialmente um sentimento negativo, que consiste que os representantes não representam mais os seus representados e não necessariamente uma ausência

específica de representação. Este sentimento negativo, aliado a um empobrecimento lento da população, é que tem tornado os cidadãos céticos em relação ao modelo liberal-democrático aberto a novas possibilidades, muitas dessas claramente reacionárias e obscurantistas (Mendoza, 2019:38).

Observando quer pesquisas, quer resultados eleitorais, “*a imagem do populismo como uma onda relativamente uniforme de mudança social que varre a paisagem das democracias liberais começa a desfazer-se*” (Pierson, 2017:106). Abandonando a ideia de ver o populismo como uma força cultural ou eleitoral e incidindo na análise da sua influência nos governos, ou seja, o impacto real produzido no controle da autoridade pública e das prioridades para as quais essa autoridade é direcionada – a história torna-se mais difícil. A variação entre os países é na verdade, presumivelmente mais expressiva do que os pontos de semelhança (Pierson, 2017:106).

“*Os populistas consideram as instituições democráticas alienantes; já que anseiam por uma expressão direta e não mediada da vontade do povo. Canovan afirma que essa veia romântica é essencial para a democracia*” (Akkerman, 2003:156).

É comum afirmar-se que os partidos populistas dependem mais dos meios de comunicação, porque a sua organização partidária é mais fraca em comparação com os antigos partidos tradicionais. Também se pode argumentar que a comunicação social tende a receber bem e melhor as manchetes dramáticas criadas pelos populistas; Mazzoleni, Stewart, & Horsfield, afirmam que a comunicação social mais comercial – como a imprensa escrita e emissoras privadas - dão cada vez mais atenção aos populistas, porque as manchetes que os acompanham atraem públicos de maior dimensão (Mazzoleni, Stewart, & Horsfield, 2003, como citado em Aalberg et al, 2016:3-4).

Em estudos de comunicação política, o foco centra-se normalmente em torno de três aspetos principais: os partidos políticos, candidatos ou movimentos, os meios de comunicação e os cidadãos como eleitores e público. Um “insight” central incide na importância da comunicação social de massa, para ampliar o apelo de políticos populistas. Muitos analistas políticos afirmam que os populistas precisam do ‘oxigénio da publicidade’, que muitas vezes é fornecido pela comunicação social de massa. Mesmo sem garantia, toda a publicidade é boa publicidade (Aalberg et al, 2016:2). Equiparado ao ditado popular português “Falem bem, falem mal..., mas falem”!

Mazzoleni (2003) e seus colaboradores, reparam que a comunicação social confere maior probabilidade de cobertura aos partidos populistas, quando questões importantes dominam a atualidade. Da mesma forma, Walgrave e De Swert descobriram que, ao concentrar-se em determinadas questões, como crime e imigração, a comunicação social ajudou a ascensão do populista Vlaams Blok na Bélgica (Walgrave

e De Swert, 2004, como citado em Aalberg et al, 2016:2). Outros estudos de Atton, Bartlett, Birdwell & Littler; e Mazzoleni, sugerem que os populistas podem beneficiar com a adoção de estratégias de comunicação específicas e com o uso da Internet, contornando assim vários obstáculos colocados pela comunicação social mais tradicional (Atton, 2006; Bartlett, Birdwell & Littler, 2011; Mazzoleni, 2003, como citado em Aalberg et al, 2016:2).

Também tem sido apontada como uma causa do populismo, a movimentação cognitiva de cidadãos informados que não concordam com o domínio natural das elites e criticam as irregularidades políticas, essencialmente através dos novos meios de comunicação online e das redes sociais (Queiroz, 2019:1).

O facto de o conceito do povo estar no centro, tanto do populismo como da democracia “implica uma relação intrínseca, ambígua e ambivalente do populismo com a democracia, em geral, e a democracia liberal, em particular” (Queiroz, 2019:3). Essa ambiguidade, resulta não apenas do populismo, mas também da compreensão polémica da democracia.

Paul Taggart, é de opinião que os movimentos populistas são ‘do povo e não do sistema’ e envolvem algum tipo de revolta contra a estrutura de poder estabelecida em nome do povo (Taggart, 1996, como citado em Canovan, 1999:3-4). Nos sistemas políticos democráticos em geral, significa um ataque aos partidos estabelecidos. Para identificar políticas populistas não é suficiente a mobilização antissistema, pois essa explicação também abrangeria os ‘novos movimentos sociais’. Embora ambos sejam antissistema, a diferença essencial é que, o populismo desafia não apenas os detentores de poder estabelecidos, mas também os valores da elite. O populismo aparece associado à contestação político-económica e contra os criadores de opinião quer sejam, académicos quer sejam, os meios de comunicação social. O populismo não é somente uma reação contra as estruturas de poder, mas um apelo a uma autoridade reconhecida. Para os populistas a sua legitimidade advém do fato de que falam pelo povo, isto é, afirmam representar o soberano democrático e não um interesse setorial como uma classe económica, embora as queixas económicas se revelem de suma importância, elas traduzem-se em questões políticas de poder democrático (Canovan, 1999:3-4).

A comunicação social pode fornecer plataformas, para os populistas solicitarem o apoio de pessoas comuns, contra o sistema liberal que supostamente os vitimou. Este fenómeno é claramente observado não só entre populistas de direita como Donald Trump e Nigel Farage, mas igualmente entre movimentos populistas de esquerda, como Bernie Sanders (campanha eleitoral) nos Estados Unidos e a ascensão do partido ‘Podemos’ em Espanha, onde ambos, para seu benefício aderiram ao uso das redes

sociais. Questionando o que torna as redes sociais um espaço tão propício para o despontar de movimentos populistas, e que nova forma de populismo emerge do encontro entre a comunicação social e o populismo, a resposta pode estar no fato da comunicação social se ter tornado involuntariamente no espaço que serve o desejo populista, de representar os não representados e de dar voz a pessoas sem voz. Não são só os recursos técnicos das redes sociais, mas também os significados que a elas foram associados, e a relevância assumida perante o público, que lhes conferem importância coincidindo ainda, com uma fase de profunda convulsão econômica e política, que discute a legitimidade da ordem neoliberal. *“Esta conexão entre mídia social e populismo pode ser apreciada em dois níveis: construção de opinião e construção de movimento, e o papel adquirido pelos mídia sociais como a voz do povo e como uma forma de mobilizar o povo”* (Gerbaudo, 2018:2). O design das redes sociais integrando uma alternativa onde as pessoas comuns se podem expressar, facultou um local adequado e acessível para os movimentos populistas manifestarem oposição ao preconceito existente quanto aos meios de comunicação social tradicionais, pelo que os canais alternativos, que foram e sejam capazes de assumir a raiva popular, aumentam a sua importância e audiência. Por outro lado, as funcionalidades corporativas das redes sociais, incorporadas na sua arquitetura algorítmica e tendências de ‘bolha de filtro’, possibilitam que indivíduos descontentes possam adotar ideias consideradas impróprias pelo bom senso liberal, promovam encontros e formem multidões online, desempenhando assim, um papel essencial no apoio de militante a candidatos antissistema /anti elites, como se verificou, por exemplo, no apoio da comunidade ‘Gamergate’ à campanha presidencial de Donald Trump (Gerbaudo, 2018:2).

Estabelecer o papel da comunicação social na promoção de políticas populistas, é também um desafio. A visão atual do papel da comunicação social em permitir ou retardar o crescimento da política populista é provavelmente muito simplista. Urge chegar a conclusões em prol da comercialização amplamente documentada, da concorrência crescente no ambiente da comunicação social e da implementação da web. Em alguns países, o competitivo ambiente das redes online pode fornecer aos populistas, oportunidade de notícias, que lhes possibilita ‘quebrar’ os portões da comunicação social estabelecidos. Cada vez mais conduzida pelos leitores, as notícias online podem ajudar a criar um maior potencial para campanhas de base e moldar as agendas das notícias (nos EUA, segundo pesquisas realizadas, é possível imaginar situações em que visões extremas moldam as políticas editoriais de alguma comunicação social). Hoje em dia, reconhecendo a crescente complexidade dos ambientes em que os meios de comunicação social operam, perdem terreno os modelos tradicionais estabelecidos de controlo de informação, diminuindo em muitas políticas.

É possível que a comercialização, a competição crescente e a Web também debilitem a função tradicional de divulgação dos meios de comunicação estabelecidos, mas essas forças podem também estimular alguns meios movidos apenas pelas audiências, a ceder a agendas políticas reacionárias populistas e a adotar quadros populistas numa série de questões políticas visionárias (Aalberg et al, 2016:4).

Também é importante entender os efeitos das mensagens populistas sobre os cidadãos, e como os cidadãos se envolvem na comunicação política populista. As abordagens atuais concentram-se quase exclusivamente, nas campanhas eleitorais e no impacto do apoio da comunicação social dado aos populistas. Nessa circunstância, tendências bem documentadas nos eleitorados nacionais (por exemplo, desalinhamento do partido-eleitor e exposição por meio de diferentes órgãos de comunicação social) podem tornar os cidadãos mais suscetíveis, a apelos populistas. Aqueles que dependem principalmente da comunicação sensacionalista para notícias, podem, por exemplo, ser mais propensos a apoiar partidos políticos populistas (Aalberg et al, 2016:4).

Na narrativa do populismo é fundamental a retórica antissistema, sem haver referência às elites socioeconómicas e sem se basear em classe e dinheiro. Apesar de Sílvio Berlusconi da Itália e Ross Perot e Donald Trump dos Estados Unidos fazerem parte da elite económica (na verdade pessoas muito ricas), parecia ser aceitável para os seus eleitores, que procuravam alguém bem-sucedido, que comungasse dos mesmos valores que eles. Os eleitores de Perot sentiram-se inspirados por alguém que ‘conseguiu’ e mostrou competência e habilidade. Para Kazin, os apoiantes de Perot quando falaram sobre ‘nós contra eles’, referiam-se ao povo contra os políticos (Kazin, 1995, como citado em Urbinati 2019:119-120). Deste modo, milionários como Berlusconi, Perot e Trump enquadram-se na retórica populista antissistema, porquanto Mudde considera que ‘podem ser considerados representantes mais autênticos do povo do que líderes com um status socioeconómico mais comum’. Ser do povo, não implica moralidade subjetiva (Mudde, 2017, como citado em Urbinati, 2019). Aliás, a imoralidade subjetiva não é um problema, como é disso exemplo Berlusconi (como muitos homens comuns de seu país) e Trump. Levitsky e Loxton, evocam o objetivo de Alberto Fujimori na campanha de 1990, em que se considerando um homem do povo criou o slogan não elitista ‘Um presidente como você’ (Levitsky e Loxton, 2013, como citado em Urbinati, 2019:118-119). E a lista pode incluir todos os líderes populistas. Trump durante a sua campanha, mostrou-se um homem comum revelando com orgulho que tentou contornar a lei e tirar vantagem das lacunas fiscais, utilizando todos os meios legais à sua disposição para não pagar impostos ou pagar o mínimo possível. Em suma, os eleitores populistas não pretendiam que Berlusconi, Fujimori ou Trump fossem imaculados como os santos, porque eles próprios não o eram. O foco está no exercício

do poder. A rivalidade do populismo segundo Mills, “*é contra o estabelecimento político, que tem o poder de conectar as várias elites sociais e desafiar a igualdade política*” (Mills, 1956, como citado em Urbinati, 2019:119). Daí que o populismo, com a atitude dominadora de poucos sobre muitos, tenha capacidade de tirar proveito do descontentamento interno da democracia. As críticas às elites políticas, constituíram o início das várias transformações do governo representativo ao longo da sua história; como apresenta Manin, a democracia partidária também nasceu de um clamor antissistema contra o parlamentarismo liberal e contra o governo de notáveis (Manin, 1997, como citado em Urbinati, 2019:119).

Rancière e Crouch, “*já vaticinaram que as democracias realmente existentes são a própria expressão da pós-democracia*” porque a liberdade restrita em que vivemos, é sempre bloqueada por condições materiais injustamente distribuídas (Rancière, 1996; Crouch, 2004, como citado em Mendonça 2019:34).

Para Mendonça (2019:35) “*É em nome da segurança de um ‘belo futuro’ – hoje ameaçado por projetos autoritários – que vemos intelectuais progressistas assumirem, paradoxalmente, a posição conservadora da simples manutenção dessas democracias insuficientes*”. Contra qualquer tipo de mudança, e numa condição defensiva do sistema, elegem, uma democracia sem povo, uma pós-política ou uma pós-democracia, quando há cerca de vinte anos, esses mesmos intelectuais defendiam a radicalização da democracia.

Populismo é para Mendonça (2019:36) uma alternativa com um projeto político que não seja o da manutenção das democracias existentes, mas que desafie as democracias liberais. Não é sequer necessário existir um verdadeiro projeto alternativo à democracia liberal, é suficiente uma simples menção ao povo como sujeito político, para que o seu autor seja denominado populista. Para os liberais, é seguramente mais fácil acusar os seus opositores e inimigos de “populistas autoritários”, do que se preocuparem com os regimes representativos que defendem, que cada vez mais desprezam a vontade popular. “*Os liberais tornaram-se não somente conservadores, mas também reativos e projetivos: reagem a qualquer possibilidade de mudança e projetam, em qualquer adversário, as limitações e as exclusões das democracias existentes, como se essa atitude fosse capaz de apagá-las*” (Mendonça, 2019:37). Não só incendia, como ainda cria um imenso abismo entre o discurso liberal democrático e os cidadãos das democracias ocidentais, tornando-se cada vez mais insensíveis e distantes do povo. Questiona-se se marcham para a sua própria implosão (Mendonça, 2019:36-37).

O discurso liberal-democrático caracteriza-se pela proteção da autonomia do indivíduo em relação ao grupo, enquanto os populistas na transformação da democracia representativa e procedimental em democracia substantiva, podem potencialmente

derrapar para práticas autoritárias. Em simultâneo, os dois aspectos radicalmente diferentes, até mesmo opostos, podem também ter um efeito regenerativo da democracia, ao integrarem pessoas que até então não se tinham identificado, ou se sentiam à margem da política, e também ao darem respostas a reivindicações, que até então não tinham sido atendidas pelos partidos tradicionais, contribuindo assim para aumentar a ‘responsabilidade’ do sistema político no seu todo. A impetuosidade populista, pode dessa forma, ajudar a conciliar os temas que o povo vê como prioritários, e as políticas consideradas prioritárias pela classe política (Zúquete, 2016:14).

A desconfiança no desempenho dos políticos, fatores conjunturais e contextuais, ligados aos partidos e instituições da democracia representativa motivaram nas últimas décadas, a ascensão de movimentos populistas de direita e de esquerda na Europa e na América do Sul. A descrição do populismo como ‘o grito de dor da democracia representativa’ elucida bem esse mal-estar democrático. Para John P. McCormick, o populismo é ‘a ocorrência inevitável em esferas públicas que aderem a princípios democráticos, mas onde, de facto, o povo não governa’ (McCormick, 2015, como citado em Zúquete, 2016:14). Nestes tempos em que o povo numeroso se junta e a uma só voz e enfrenta o poder estabelecido dos ricos e poderosos – desmobilização popular em relação a formas tradicionais de fazer política, porém ao mesmo tempo novas mobilizações em torno de outras formas de fazer política – *“predomina o desencanto relativamente à ‘face pragmática’ da democracia (burocrática, dedicada às rotinas da política e à gestão do dia a dia) e a atração pela sua ‘face redentora’ que contém a promessa da renovação total do sistema através da ação fulminante do povo soberano”* (Zúquete, 2016:14). Parece claro, em noções comumente admitidas, que na prática, quanto mais a democracia representativa se afastar do ideal de soberania popular, quanto mais for identificada como estando sob controlo de oligarquias (ideia chave dos populismos de esquerda e de direita), aumenta a tendência para a exploração de caminhos não só alternativos como desejados. É neste cenário que muitos vêem no populismo um ‘sinal’ para que a democracia seja merecedora do seu nome. É um alerta para que os partidos políticos e os governos, revejam as suas abordagens de governo e representação. Inúmeros estudos indicam que a razão do descontentamento popular é sempre dirigida ao processo democrático (opaco, pouco transparente, e nas mãos de uma minoria), e que a principal reivindicação, é a maior participação popular no processo democrático. Por outras palavras, *“recorrer à imaginação e criatividade, e encontrar, ou recuperar, novas formas de participação, e de descentralização do poder, como, por exemplo, a adoção de novos mecanismos de decisão”* (Zúquete, 2016:15). Uma das forças motrizes do populismo e que também está em causa – é a

necessidade de ajuste das instituições democráticas, verticais e oitocentistas, à horizontalidade do século XXI, e a uma sociedade tecnologicamente interativa e híper conectada. Em complemento, o afastamento popular “*não pode, nem deve ser desligado destes novos tempos de enfraquecimento das soberanias nacionais, reféns tantas vezes de um poder difuso e de além-fronteiras, seja ele político ou financeiro*” (Zúquete, 2016:15).

Numa revisão abrangente do populismo em três continentes diferentes, as respostas dadas pelos populistas à questão do autocontrole também são variáveis: “*na Europa, a União Europeia é vista como uma ameaça à soberania do povo representado pelas instituições políticas nacionais; na América Latina, são as antigas constituições que parecem estar em desacordo com as necessidades do povo; e nos Estados Unidos, os populistas idealizam (sua interpretação) a constituição e vêem o governo como uma violação de seus direitos constitucionais*” (Gidron e Bonikowski, 2013:20) e de acordo com Kaltwasser, a política populista por definição, não é antidemocrática, mas as respostas diferentes surgem por tensões persistentes que há muito tempo ocupam os teóricos políticos (Kaltwasser, 2013, como citado em Gidron e Bonikowski, 2013:20).

Nos últimos anos, académicos como Mudde, bem como observadores informados da imprensa popular e da política - argumentam reiteradamente que vivemos numa era política caracterizada por ‘um *Zeitgeist* populista’, fundamentando que o discurso populista migrou das periferias para o núcleo do espectro político (Mudde, 2012, como citado em Gidron e Bonikowski, 2013:25-27). O sucesso contemporâneo dos populistas de direita na Europa, e dos populistas de esquerda na América Latina, assim como, do Tea Party americano, sugerem que, de facto o populismo sobressai no discurso político contemporâneo. Alguns estudiosos argumentam numa perspetiva histórica, que nos últimos anos o ‘cordão sanitário’ tradicional foi quebrado, na medida em que os políticos tradicionais adotaram uma linguagem populista, antes apenas restrita aos extremistas. Esta afirmação para Laclau e Barr, “*também incide na compreensão teórica do conceito de populismo: se o populismo é entendido como uma linguagem anti hegemónica usada por estranhos que desafiam o sistema*”, nesse caso a adoção pela política dominante da linguagem populista, pode levantar questões sobre a perceção da legitimidade e de eficácia política, na formulação de reivindicações populistas, no contexto da política contemporânea (Laclau, 2005; Barr, 2009, como citado em Gidron e Bonikowski, 2013:27).

## Capítulo 2 – O Populismo no Mundo

As democracias liberais existentes, especialmente as ocidentais, têm procurado encontrar formas institucionais para controlar o demos (povo), mantendo um regime estável, com alguma medida popular, mas a salvo do próprio povo, a partir de um governo, em tese, aristocrático, mas, na prática, oligárquico. Esta fórmula tem acompanhado as principais alternativas teóricas e políticas de radicalização democrática, com o populismo a ganhar terreno, podendo tornar-se ironicamente um excesso perigoso e ameaçador do regime batizado com o seu nome (Mendonça, 2019:43).

O populismo tem crescido na União Europeia, de que são exemplo o Freiheitliche Partei Österreichs (FPÖ), na Áustria; Le Front National (FN) na França; Movimento 5 Stelle (M5S) e a Lega Nord (LN) na Itália; United Kingdom Independence Party (UKIP) na Grã-Bretanha; Alternative for Deutschland (AfD) na Alemanha; Vlaams Blok na Bélgica; Dansk Folkeparti na Dinamarca e os Verdadeiros Finlandeses na Finlândia. Têm-se expandido também a nível global de que é exemplo o One Nation, na Austrália; New Zealand First, na Nova Zelândia; Índia Contra a Corrupção, na Índia; o Partido da Justiça e Desenvolvimento na Turquia. Apesar da controvérsia gerada sobre as causas desse crescimento, a percepção generalizada de ameaças à própria existência da sociedade, o desenvolvimento económico desfavorável (Taggart,2000; Weyland,2001 como citado em Queiroz, 2019:1), a corrupção sistemática e a incapacidade de resposta por parte dos sistemas políticos aos problemas dos cidadãos, cria um terreno fértil para a emergência dos populismos.

Fundamentalmente, a característica estrutural do populismo prende-se com a mobilização popular contra as elites políticas e intelectuais, e cinge-se não apenas a um estilo direto e simples, mas também a um humor característico. A política populista não é deveras uma política comum e rotineira. “Tem o sabor revivalista de um movimento, impulsionado pelo entusiasmo que atrai pessoas normalmente não políticas para a arena política. Esse ingrediente emocional extra pode transformar a política em uma campanha para salvar o país ou para trazer uma grande renovação” (Canovan, 1999:6). Em associação a esse estado de espírito, surge a tendência de as emoções intensificadas concentrarem-se num líder carismático. Como de costume, a liderança personalizada resulta naturalmente da reação contra a política. Declinando estruturas institucionais ultrapassadas, abrangendo camadas burocráticas de organização, os populistas enaltecem tanto a ação espontânea nas bases quanto um laço pessoal estreito entre líder e seguidores.

Em todas as fases históricas se desenvolveram populismos que foram classificados como de esquerda ou de direita. A grande distinção baseava-se na construção discursiva da categoria de «povo». Atendendo à experiência dos populistas latino-americanos dos períodos clássico e radical, mas também de alguns populismos de esquerda europeus: à esquerda, o conceito de povo é essencialmente político e social, com inclusão política dos marginalizados do ponto de vista socioeconómico, e à direita tendo por base os populismos que surgiram no final do século XX, o conceito de povo é eminentemente étnico, o que leva à exclusão dos que não pertencem ao povo «indígena». Esta divisão não é, nem poderia ser, rígida e definitiva, devendo ser vista apenas como um indicador, característico dos tipos ideológicos. Nos populismos de esquerda exclui-se uma parte da população ao definir o conceito de elite (considerada como maliciosa, venal, corrupta, ou inimiga histórica), enquanto a visão étnica à direita é mutável (há grupos que podem ser integrados no «povo autêntico»), fazendo parte da mobilização populista contra as elites, os fatores económicos (Zúquete, 2016:16).

O populismo apresenta-se como sendo de esquerda ou de direita de acordo com a combinação ideológica tendo por isso, eleitorados diferentes. A principal razão para o seu sucesso é a mesma: a crise da representação nas democracias liberais em que os cidadãos não se sentem representados pelos partidos tradicionais e não sentem que os governos respondam e resolvam os seus problemas, receios e inseguranças. Os populismos de esquerda têm geralmente um fundamento económico e, opõem frontalmente, o povo trabalhador à elite constituído pelos ricos e poderosos. Os populismos de direita têm geralmente um fundamento identitário, também opõem o povo à elite, mas acusam a elite de ser conivente com esse terceiro grupo contra a vontade e o interesse do povo: os imigrantes, os refugiados, os terroristas, os globalistas, ou simplesmente os beneficiários do Welfare State (Teixeira, 2018:79).

O populismo promete a ampliação da participação das pessoas na política, exatamente aquilo que as democracias representativas liberais cada vez mais negligenciam ou dificultam (desafio da supremacia da democracia liberal). Ao valorizar a ampliação da participação popular, o populismo deveria ser conhecido não apenas, seguindo a irrefletida massificação do pensamento que sugere a sua condenação (Mendonça, 2014:45). O populismo hoje, não se baseia em movimentos de baixo para cima que surgem como resultado da mobilidade popular, nem a uma ideologia de desenvolvimento nacional. Em vez disso, constitui um modo de governar específico, onde instrumentos maioritários, como referendos, são preferidos a um sistema que prioriza equilíbrio de poderes e proteção dos direitos das minorias. Ao reivindicarem a representação exclusiva do “povo”, esses movimentos também assumem “superioridade moral”, o que lhes dá o direito de esmagar qualquer oposição por serem

“inimigos do povo”, bem como ocupar o Estado com seus próprios quadros (Aydıń-Düzgıt e Keyman, 2017:3).

Os casos que se seguem ilustram da direita à esquerda, casos de populismo em vários países do mundo.

## **2.1 - Caso Donald Trump nos Estados Unidos**

Na transição de militante para presidente, Donald Trump realçou a transformação e a complexidade do populismo de direita, como fenómeno social. A retórica ostensiva do populismo de Donald Trump, não tem comparação com nenhuma organização populista durável. A demonstrá-lo está a incipiência de Trump que uma vez concluída a eleição, o ‘Trumpismo’ acabou e teve que ser incluído num conjunto de organizações e instituições anteriores à sua ascensão. O equilíbrio de poder dentro da legislatura favoreceu as forças organizadas, que eram ascendentes dentro do Partido Republicano muito antes de Trump se tornar um candidato plausível e, em muitos aspetos, as prioridades dessas forças são o oposto do populismo. Contudo, o movimento de apoio imaginou Trump como trunfo valioso e um vencedor, incorporando um líder ostensivo, em vez de organizar ao estilo do "Tea Party" anti Obama (Pierson, 2017:117).

Numa retrospectiva realizada por Hacker e Pierson assim como, Hertel-Fernandez e Skocpol, incidindo sobre os populistas já existentes, verificaram que estes possuíam preocupações próprias, bem como capacidades de ação apreciáveis (Hacker e Pierson, 2006, Hertel-Fernandez e Skocpol, 2016, como citado em Pierson, 2017:106). Ao invés e em contraste, Trump possuía uma característica distintiva de base populista, ou seja, a sua desorganização que se tornará altamente conseqüente. Na transição da campanha para o governo, três características identificadoras da política americana, confirmaram a sua identidade: as cisões na autoridade política associadas às instituições políticas pouco comuns do país que limitaram o espaço de ação de Trump, fortalecendo o papel dos conservadores ‘estabelecidos’ no Congresso; a divisão ampla e cada vez mais incómoda e notória, entre os dois principais partidos políticos que ajudaram Trump a obter o cargo, criando dificuldades em formar uma eficaz coligação governamental; por fim, e talvez a mais significativa, a concentração crescente de recursos económicos e políticos numa minúscula faixa de americanos ricos, que veio a limitar o impacto de um ‘populismo’ difuso e desviou para uma agenda política já bem estabelecida no Partido Republicano. Em termos de retórica, o populismo de direita permanece forte e ativo, contudo ao observar a governação real, são os interesses e as preocupações dos mais ricos, que prevalecem (Pierson, 2017:117).

A avaliação da presidência de Trump é ambígua (Schneiker, 2020:2-3). O que surgiu nos Estados Unidos com Trump, não é um governo puro populista, mas um híbrido especial. Numa fase inicial, as principais particularidades do panorama do sistema político americano desempenharam um papel crítico na amplificação do impulso populista, projetando um candidato populista para uma posição política central, contudo, verificou-se que uma ampliação da expressão eleitoral do populismo de direita, criou uma diluição do seu impacto e colocou limites notáveis ao governo. “*A ressonância cultural do populismo excedeu em muito sua capacidade organizacional e seu alcance institucional*” (Pierson, 2017:112-113). As pressões populistas exigem resultados altamente distintos. A falta de capacidade organizacional duradoura, rapidamente provou ser uma má aposta, resultando num fluxo de atividade política que responde amplamente a forças muito diferentes das que apoiaram em massa a campanha. Trump, apenas ocupa uma parte do governo federal e o lugar que ocupa, possui apenas incentivos limitados para concretizar uma agenda "populista", mesmo sendo esse o seu desejo. Apesar de Trump se continuar a apresentar como populista, raramente isso teve efeito real na política efetiva levada a cabo. Trump promoveu a sua administração com base numa mistura de pessoas incrivelmente ricas e reacionárias. Ainda que, se apresentando como populista, Trump raramente governou como tal. O estilo pugilista de Trump que dava ao governo um ar populista, não se traduziu em iniciativas políticas sérias (Pierson, 2017:112-113).

A campanha presidencial de Trump foi amplamente considerada populista (Schneiker, 2020:2-3). Faz sentido atribuir o rótulo de ‘populista’ aos eventos de 2016 tendo em conta as posições políticas de Trump, já que foi com elas que triunfou, apesar das preferências das elites de seu partido. O ceticismo sobre a sua elegibilidade e confiabilidade, motivou uma perspectiva de que poderia levar o Partido Republicano a uma derrota humilhante, e encorajou as figuras dominantes do partido (‘a velha guarda’) a mantê-lo à distância, pelo menos, até que a vitória de Trump nas primárias tornasse inevitável a sua indigitação. Ironicamente, em grande parte, Trump ganhou a indigitação porque prosperou no ecossistema político da direita que a ‘velha guarda’ do partido tinha construído nas duas décadas anteriores (Pierson, 2017:118). Trump reflete os padrões vistos em eleições fora dos Estados Unidos, onde um candidato populista de direita rebelde, beneficiou com os sentimentos anti-imigrantes. Além disso, esses sentimentos beneficiam os populistas de direita, mas não os de centro-direita (Donovan e Redlawsk, 2018:203).

Trump foi eleito apesar de existirem investigações ativas sobre supostas irregularidades, que vão desde má conduta financeira até corrupção - mas o mesmo pode ser dito de outros presidentes como Benjamin Netanyahu e, de Berlusconi. O

discurso mordaz de Trump e o nativismo explícito parecem chocar muitos observadores. O que diferencia Trump - como candidato e depois presidente - de praticamente todas as outras figuras políticas contemporâneas, é sua personalidade pública fora do comum (Nai et al, 2019:634). Trump ganhou a eleição presidencial dos Estados Unidos da forma mais improvável, simplesmente porque soube identificar no seu discurso uma versão de populismo autoritário, que se direciona às ansiedades dos mais adversamente afetados pelas alterações económicas e globalizantes, e que agravou a crise financeira da última década. O seu foco está no apelo a um segmento significativo da população. Trump conseguiu constituir uma forma de falar, às vezes com exageros humorísticos, repletos de apelos vigorosos e que captavam os sentimentos genuínos daqueles que tenham pouco a perder (Montgomery, 2017:18-19). A presidência de Trump foi sempre inconstante e inconsistente. Para um presidente em primeiro mandato, rapidamente atingiu recordes de impopularidade, começando pela própria votação que indicava uma base de apoio muito mais estreita, do que em qualquer anterior governo. Trump continuou sempre a apresentar-se como um populista obcecado por contrastar uma elite estabelecida e, enquanto a sua administração se debatia incessantemente para encontrar uma base sólida e enfrentar um círculo cada vez mais apertado de investigações, Trump foi-se distanciando dentro dessa estrutura, procurando angariar apoio através da satisfação da sua base de apoio. Travou batalhas de alto perfil, criando uma lista crescente de inimigos como a comunicação social, o 'pântano' dos que trabalhavam em Washington, nas cidades e nas universidades liberais e com o denominado 'estado profundo' da aplicação da lei, tribunais, instituições nacionais. No início, tudo indicava que Trump tinha pouca intenção de desafiar a previsão realizada por Norquist, de que as prioridades republicanas estabelecidas eram seguras. Contudo veio a verificar-se que em relação às questões económicas, no centro da agenda do Partido Republicano, organizadas já há muito tempo, como cortes de impostos para os ricos, restrições aos programas de bem-estar social em particular e gastos do governo em geral, e redução das regulamentações indesejadas pelas principais indústrias, Trump acabou por tomar posições opostas, tendo apenas seguido em conformidade com a redução das regulamentações (Pierson, 2017:116-118).

Em campanha eleitoral, Trump consagrou o seu voto central - identificando-se com “o *'povo trabalhador esquecido da América'* - *uma espécie de populismo patriótico, antiestablishment, lei e ordem, antidemocrático, anti diversidade, autoritário - uma mistura de xenofobia (controles de imigração, repatriação), fervor patriótico (tornar a América grande novamente), conspiração das elites (a média, Wall Street, Washington, o establishment político), rearmamento em face das percepções*

*internacionais de fraqueza (reconstruir a marinha por causa de humilhações – ‘eles estão rindo de nós’)*” (Montgomery, 2017:5). Num contramovimento à globalização e reconhecendo o fracasso dos governos democráticos em proteger as sociedades das depredações dos mercados autorregulados, essas mesmas sociedades reagiram elegendo “homens fortes” (e mulheres) que oferecem proteção. Donald Trump tornou-se um forte protetor e ganhou o apoio dos americanos ‘deixados para trás’ pela globalização (Wahl-Jorgensen, 2018:2).

Dado o vínculo que estabeleceu com a sua base eleitoral, os parâmetros ideológicos do seu discurso não surpreenderam. Trump, em entrevista á CNN, em 14/07/15 falou de protecionismo (‘Americanismo, não globalismo, será nosso lema’). Em 2016, preconizava um governo forte (‘O dever mais básico do governo é defender a vida dos seus próprios cidadãos. Qualquer governo que não o faça é um governo indigno de liderar’) (Montgomery, 2017:5).

Lacatus (2020:2) refere que ainda candidato à presidência, Trump idealizou a imagem dos Estados Unidos, como uma potência internacional que precisava fortalecer a sua segurança nacional.

Lacatus e Meibauer (2021:4) consideram que o presidente Trump se afastou dos compromissos americanos tradicionais recorrendo ao internacionalismo liberal (regras e instituições multilaterais, manutenção de antigas alianças comerciais e militares e a promoção da democracia liberal). Nos primeiros dois anos da sua presidência, Posen argumenta que embora os Estados Unidos não tenham abandonado a posição de ‘polícia do mundo’, rompeu com os seus predecessores democratas ao renunciar à mudança de regime em países divergentes dos EUA e abster-se em muitos acordos comerciais multilaterais (Posen, 2018, como citado em Lacatus, 2020:2-3). Alguns comentadores da comunicação social como Ikenberry sinalizaram que a administração Trump teve o poder de abanar o núcleo de instituições que originaram a construção da política externa tradicional nos Estados Unidos, tendo por base acordos comerciais, alianças, direito internacional, multilateralismo, proteção ambiental, proteção contra a tortura e direitos humanos. Para Oliver e Rahn (2016:189), Trump é o populista por excelência porque usa uma retórica distinta baseada na simplicidade, no anti elitismo e no coletivismo. Estudos recentes realizados por vários autores, apresentaram evidências que, para o governo de Trump, “*as ideias do populismo de extrema direita contribuíram para moldar a definição da agenda da política doméstica*” (Lacatus, 2020:2-3). Desde o início da sua candidatura presidencial em 2016, a recuperação pelos Estados Unidos do antigo respeito, como uma potência digna de admiração e temor por outros Estados na ordem global, foi a principal motivação da posição do presidente Trump na política externa. Trump declarou desde o início, como importante

o processo de recuperação do respeito internacional a nível da política global há muito perdido pelos Estados Unidos, afirmando-se de novo como uma potência económica (Lacatus, 2020:2-3).

Um estudo recente sobre o uso da retórica populista do presidente, apresentado por Boucher e Thies (2019) apresenta como exemplo o uso do Twitter por Trump, para anunciar as tarifas de aço e alumínio em março de 2018 (“I’am tariff man”) e, o seu impacto na relevância e no conteúdo dos debates sobre política comercial na Twittersfera para demonstrar que Trump e os seus seguidores usavam temas populistas sobre política externa, para fomentar e divulgar as suas posições políticas nas redes sociais.

O presidente Trump conseguiu assim, criar uma forte rede social de apoio para a sua política comercial, utilizando por rotina uma estratégia discursiva anti elite quando se referia ao comércio, fazendo a promoção e usando a imagem de pessoas dignas (trabalhadores e agricultores) como vítimas das elites e dos países estrangeiros. Apesar desses recentes trabalhos académicos oferecerem perceções muito importantes sobre as principais formas como o populismo molda a política externa, ainda há muito a aprender sobre a era de Donald Trump, sobre a influência que o populismo pode ter na formulação da política externa. O ‘Trumpismo’ está ligado essencialmente á retórica. No âmbito e ao nível do discurso das relações internacionais, o ‘Trumpismo’ conduziu a uma corrosão normativa significativa do liberalismo internacional. Em termos gerais, o único impacto tangível que o presidente Trump, alcançou na política externa foi na área dos acordos comerciais, falhando no geral, em promover uma agenda de política externa coerente (Lacatus, 2020:3).

Pesquisas recentes sobre populismo e política externa, feitas com base em análise de tweets e discursos, produzidos nas redes sociais e não só procuraram compreender como é que a retórica do presidente Trump, recorrendo ao uso de temas populistas, contribuiu para a sua ascensão e representou um avanço nos ideais políticos de um discurso jacksoniano renascido (antielitista) e, como é que algumas ideias-chave da plataforma Tea Party contemporâneo, permitem reanimar a política. De recordar que na maioria das vezes, as elites são membros do governo e do poder político. Mead refere que o Tea Party revitalizou o Jacksonianismo conferindo-lhe uma aversão particular pelos que pertençam a uma elite liberal, bem-educada e intelectual, antipatia essa que se estende à esfera internacional e às instituições defensoras dos valores liberais internacionalistas, como a promoção da democracia liberal por todo o mundo, aos esforços de cooperação por meio de organizações multilaterais, assim como entrar e manter tratados internacionais (Mead, 2011, como citado em Lacatus, 2020:3-5).

A tendência dos populistas jacksonianos incide sobre resposta militarista agressiva às crises em todo o mundo, (particularmente contra o jihadismo islâmico) enquanto defendem o protecionismo comercial e a rejeição de alianças caras e garantias de segurança - ainda que os Estados Unidos não desejem ser o polícia de uma ordem global liberal, a guerra é uma resposta necessária se os outros Estados violarem as suas obrigações internacionais ou atacarem os Estados Unidos. Numa visão hobbesiana do sistema internacional, o mundo é visto como um lugar onde os Estados sempre procuram os seus próprios interesses egoístas e um interesse limitado na cooperação. Mead argumenta as visões excecionalistas americanas e mostra um profundo ceticismo sobre a capacidade dos Estados Unidos para criar e manter uma ordem liberal (Mead, 2011, como citado em Lacatus, 2020:12-13).

Uma análise qualitativa do conteúdo em tweets e discursos demonstra que o populismo determina a abordagem do presidente Trump na sua política externa, traduzida pelo um afastamento dos princípios centrais do projeto global dos EUA do pós-guerra, como o internacionalismo, o compromisso com o comércio aberto e o envolvimento com regras e instituições multilaterais, que são essenciais para o desenvolvimento de uma ordem liberal. Revela ainda, que um populismo Jacksoniano revitalizado inspira a sua abordagem 'de América em primeiro lugar' na sua relação com a política externa. Trump nutre desprezo pelas elites liberais, e todos os seus ideais de cooperação internacional, multilateralismo e por uma ordem liberal global. É importante ressaltar que a retórica de Trump, movida por um forte impulso de ceticismo em relação à capacidade dos EUA em apoiar e manter uma ordem liberal, identificam as elites liberais domésticas e globais como sendo as responsáveis pelos 'maus acordos comerciais' e pelo mau aproveitamento dos recursos financeiros e militares americanos, por avançar as causas de outros estados em detrimento do melhor interesse do 'povo americano'" (Lacatus, 2020:12-13).

Do seu ponto de vista, uma América descontente enredada num grande número de alianças internacionais não lucrativas, precisa de recuperar a sua soberania. Trump não mostra interesse em fomentar velhas alianças económicas, que considera 'maus negócios, e procura antes renegociar novos acordos comerciais que considera muito mais favoráveis para aumentar a riqueza e o bem-estar do povo americano. O uso da retórica populista de Trump permite-lhe explicar "*os principais objetivos da sua política externa por meio de laços diretos com as prioridades domésticas que ele identifica como sendo de extrema importância para o povo americano - criação de empregos, crescimento económico e segurança nas fronteiras*" (Lacatus, 2020:12-13).

## 2.2 - Caso Marine Le Pen na França

Marine Le Pen é um dos líderes populistas mais proeminentes da Europa. O seu desempenho eleitoral nas eleições de 2017, foi sem precedentes para um candidato de partido de extrema direita na história da Quinta República Francesa. Embora não tenha conquistado a presidência, o seu desempenho não pode ser diminuído. Ao suavizar o registro xenófobo que tornou o seu pai famoso, numa tentativa de "desdiabolização" do seu partido, e ao abraçar uma estratégia que atraiu um público mais amplo do que na sua campanha presidencial de 2012, Le Pen buscou radicalmente mudar a sua imagem (Aiolfi, 2019:2).

Mukherjee evoca a figura de Marianne, símbolo da República Francesa e de representação da "França secular", como argumento contra a indumentária (lenços de cabeça) das mulheres muçulmanas francesas (Mukherjee, 2015, como citado em Geva 2019:7). *"No seu papel de mãe da nação, uma líder populista feminina pode ser vista como a personificação de ideais nacionalistas de direita radical e, ao mesmo tempo, pode representar um ideal populista de representar 'o povo'"* (Geva, 2019:3). As mulheres populistas podem recorrer a imagens familiares para mostrar a sua identificação com o povo e até mesmo, 'ficar íntimas' para se colocarem ao lado do povo. Em comparação com outros estilos políticos de partidos políticos democráticos, os populistas baseiam a sua estrutura na oposição às elites políticas profissionais, cujas credenciais racional-burocráticas são a fonte da sua legitimidade política, e dependem ainda mais fortemente da masculinidade e feminilidade dominante (Geva, 2019:3,7).

Os membros da Frente Nacional (FN) exibem Marine Le Pen como a personificação do passado e do futuro, vendo-a como a filha política e a guardiã materna do futuro da França. Pauline, conselheira de Marine Le Pen para a educação nacional (de fora de Avignon), que já foi ativista de esquerda até ser pessoalmente recrutada para a FN por Jean-Marie Le Pen, captou a essência na forma como a líder de partido poderia representar a história do partido - ela 'carrega a história do partido nas suas entranhas'. Na FN, o bureau político nacional do partido é composto por dois tipos de políticos: os mais profissionalizados que operam no horizonte temporal do presente e do futuro imediato, e do outro lado do espectro, os políticos que travavam uma histórica 'luta civilizacional'. Para Pauline, Marine Le Pen poderia abraçar as duas posições (Geva, 2019:10).

A sobreposição entre a ênfase dada ao populismo em ser 'do povo' e, contra os políticos profissionais de elite, e as ideologias nacionalistas e nativistas da direita radical, realçando o parentesco (baseado no sangue), também poderia ser aproveitada para situar Marine Le Pen, não apenas como representante do passado, mas também como

uma mulher moderna que cuida do futuro com ética maternal. Este ponto de vista, tem sido crucial no seio da juventude da FN, levando ao recrutamento ativo de jovens que são incentivados a ingressar nas listas eleitorais municipais do FN. Com esta estratégia, a FN esperava garantir o seu futuro e permitiu ao partido manter a sua imagem como um ousado partido antissistema. Os jovens aderentes afirmam ver Marine Le Pen como um símbolo da grandiosidade francesa e da história do partido, em rutura com o passado. Alguns consideram Marine Le Pen representante de uma mulher da sua época, e até mesmo, uma guia para o futuro. Os jovens ativistas puderam expressar a sua gratidão e respeito pelas contribuições de Jean-Marie Le Pen, pai de Marine Le Pen, especialmente, devido ao fato de ter sido eleito pela primeira vez para a Assembleia Nacional aos 28 anos (em 1956), de ter participado nas guerras da Argélia e Indochina e de se manter um homem do século XX. Contudo viria com o tempo a se tornar irrelevante. Os membros da juventude da FN manifestam o sentimento de que Marine Le Pen, compreende exclusivamente os seus problemas, descrevendo-a como tendo uma ética de cuidado materno (Geva, 2019:12-13).

Não há dúvida de que a FN liderada por Marine Le Pen é um partido diferente do “gerido” pelo seu pai ao longo de quase toda a sua vida, não apenas pela renovação do seu pessoal, mas também na renovação de políticas e discurso. Como mãe de três filhos, divorciada duas vezes e mulher de carreira profissional, Marine Le Pen representa um desafio aos valores apreciados anteriormente pelo seu partido. Mas as escolhas de género e vida do novo líder FN, são apenas parte da mudança (Shields, 2013:190-191).

Nos últimos anos sobe a liderança de Marine Le Pen, a FN experimentou um renascimento político, quer em eleições, quer em números de membros ou em sondagens de opinião pública, o partido tem vindo a ganhar terreno. Desde que Marine Le Pen assumiu a presidência da FN, deixada pelo seu pai Jean Marie Le Pen em janeiro de 2011, o partido de direita cresceu em três frentes: *“filiação com um aumento de 22.000 membros em janeiro de 2011 para 83.000 membros em dezembro de 2014 (Fonte: Le Figaro, 2014), sucesso eleitoral nas eleições europeias, departamentais e regionais de 2014 e 2015, o partido registou os seus melhores resultados de sempre, com 24,9%, 25,2% e 27,7% do voto popular, respetivamente e opinião pública (por exemplo, pesquisas de opinião mostram que a percentagem de indivíduos que consideram o FN um 'perigo' diminuiu em quase 20 pontos percentuais, de 70% para 50% entre 2002 e 2012”* (Stockemer e Barisione, 2016:1-2). Esse sucesso sem precedentes, segundo estudos recentes levados a cabo por alguns autores, deve-se ao ressurgimento da FN com uma política baseada em questões estruturais, como a imigração, a crise económica ou mudanças no eleitorado. Com mudanças sutis no discurso do partido, definido como uma combinação de elementos estilísticos, retóricos

e ideológicos, e usando uma estrutura de "oferta e demanda", ajudam a FN a cativar apoio renovado e a consolidar o apoio de antigos simpatizantes (Stockemer e Barisione, 2016:1-2).

Marine Le Pen no seu programa presidencial para 2012 incluiu todos os componentes do populismo. *“Em primeiro lugar, não foi apresentado como um programa do partido, mas sim como o projeto "pessoal" de Marine, que apresenta Marine Le Pen como um "gerente de crise" e como um líder do povo que poderia reconstruir a França. Esta personificação começa com o título do programa: ‘O meu projeto, para a França e para o povo francês’ e ‘Marine Le Pen, a voz do povo, o espírito da França’* (Stockemer e Barisione, 2016:5-6).

Marine Le Pen, ao longo do programa é apresentada como a líder carismática, como o foco de todas as atenções, em contraste, com a FN que nunca foi mencionada. Em várias ocasiões Marine Le Pen, a líder pura, também se juntou diretamente ao ‘status quo’ e aos partidos "desonestos" do sistema. O programa de Marine Le Pen como segundo recurso, apresenta também um forte caráter antielitista, apresentando-se como representante do povo honesto e trabalhador, que enfrentou a concorrência estrangeira injusta, salientando ainda que a França é governada por elites políticas e sociais corruptas (Stockemer e Barisione, 2016:5-6).

A líder da FN, não apenas promete suspender as despesas extravagantes e gastos excessivos das elites dos partidos, como também atribui ao estilo de vida luxuoso das elites políticas da França, uma das principais causas da crise da dívida francesa. Marine Le Pen faz a apologia de querer acabar com a corrupção, com o domínio da elite e com a dependência da França face a organizações internacionais. Com uma linguagem simples e forte, baseada em palavras como ‘rutura’ ou ‘separação’, Marine Le Pen retrata uma visão de declínio e decadência para mostrar a sua oposição completa ao sistema e aos que o representam. A líder da FN usa deliberadamente uma linguagem belicosa como por exemplo, ‘os pequenos mercados de bairro devem ser defendidos contra as corporações multinacionais’ ou ‘o abuso social será combatido’. De forma clara, simples e sucinta, o programa de Marine Le Pen dirige-se diretamente às massas (característica do populismo). O programa aborda o senso comum do eleitorado e focaliza as principais preocupações das classes populares (salários, poder de compra e previdência social), para além de que, contém medidas populares, como o aumento dos salários modestos, a proteção da economia francesa contra as influências estrangeiras e a valorização do trabalho honesto. Em suma, Marine Le Pen, numa base nacionalista, apresenta-se como uma pessoa fora do sistema político, como uma força política alternativa que promete restaurar uma democracia popular genuína (Stockemer e Barisione, 2016:5-6).

Marine Le Pen no programa presidencial de 2012, não coloca a imigração no centro do programa, opta antes por colocar apelos anti-imigrantes misturados com as principais preocupações (salários, poder de compra, segurança social e pública) de grande parte da população francesa. Nesse sentido, a plataforma anti-imigração da FN não é um fim em si mesma, mas parte de uma solução holística que salienta que o desemprego, a segurança social e a história cultural e intelectual da França só podem ser preservadas se a imigração for controlada de forma eficaz. Aliás, o tema da imigração está estrategicamente impresso entre a plataforma económica do partido, que é o ponto focal do FN, e os assuntos sociais e culturais. As medidas apresentadas pela FN incluem a adoção, da preferência nacional no emprego, no setor público ou a eliminação de todas as pensões para estrangeiros que não trabalhem na França há pelo menos 10 anos (Stockemer e Barisione, 2016:8-9).

Almeida, refere que Marine Le Pen à semelhança de um navio por meio do qual a retórica é comunicada, consegue com uma reformulação do conteúdo, um apelo mais amplo para o voto francês, enquanto que a retórica da tentativa presidencial mais recente está altamente ligada a algumas das posturas mais duras defendidas tradicionalmente pela FN (Almeida, 2013, como citado em Pierce, 2019:1-3). Esta eleição marca também a história em virtude dos dois últimos membros virem de partidos minoritários.

Marine Le Pen não só foi bem-sucedida no segundo turno da votação de 2017, mas também surgiu como uma verdadeira candidata à vitória. A sua plataforma de protecionismo económico, chauvinismo assistencialista, combate à imigração ilegal e críticas à União Europeia atraiu o sucesso crescente da FN, atribuído ao uso de retórica populista (McGregor, 2019:1).

Na verdade, Marine demarcando-se do seu pai e construindo uma imagem de sucesso, saiu da relativa obscuridade do passado da FN para a vanguarda das eleições nacionais. Apesar deste acontecimento histórico para a FN, Marine, ainda assim, perdeu a eleição para o seu oponente, Emmanuel Macron, mas isso não a impediu de conseguir outras vitórias. A mensagem populista de Marine ressoou e conseguiu obter um lugar no parlamento, que era um objetivo de longa data. O seu partido continuou a gozar de grande apoio político, e com o ciclo eleitoral de 2017, a popularidade da FN atingiu um pico histórico. Marine continuou a usufruir da onda de destaque, não se intimidou com a perda da presidência e não permitiu que o partido perdesse o ímpeto após sua derrota. Ao invés, canalizou a sua energia para reformular a FN (na sua própria pessoa), orientando-o para o futuro, afirmando: *‘É depois de uma perda que você vê quem é um verdadeiro líder’* (Pierce, 2019:1-3) e incentivando os mais desanimados a ganhar força e a *‘voltar para o ringue’*. Com essa atitude, Le Pen e o partido ganharam

uma enorme influência política em relação aos anos anteriores. A sua tenacidade e determinação destacaram-na como uma política completa e não apenas como uma política preparada apenas para o ciclo eleitoral (Pierce, 2019:1-3).

Goodliffe (2014, como citado por Pierce 2019), baseando-se em estudos que analisam a popularidade da FN desde que Marine assumiu a presidência em 2011, refere um aumento constante e gradual no apoio (por exemplo em maio 2014 mais 17% nas eleições municipais e, em 2016 novo sucesso), relativamente ao ciclo eleitoral anterior, tendo atingindo em 2018 o pico. Perante o sucesso de 2016 previu-se que a FN seria capaz de ‘escapar do gueto político a qual está confinada desde a sua fundação em 1972’. O aumento do apoio popular à FN e a Le Pen mostram que a FN finalmente conseguiu quebrar o cerco político, que as elites e principais partidos franceses lhe faziam, alcançando o público em geral. A influência de Marine cresceu à medida que assumia o seu papel parlamentar, atingindo o apogeu em 2016, ano em que Le Pen foi eleita como um dos cinco membros mais importantes do parlamento europeu. Em 2017 num artigo de opinião, Heath, refere que Marine volta à ribalta apoiando o movimento anti EU, mudando assim o duro legado da sua família (Heath, 2016, como citado em Pierce 2019:54). Com o início pertencente à dinastia da família Le Pen, parece que a transição para uma personalidade única está completa e agora é uma entidade independente. “*Sua personalidade é clara: populista e nacionalista*” (Pierce, 2019:55). Marine concretizando, seu objetivo pessoal em ganhar proeminência política, consegue que isso se reflita na FN, já que Le Pen e o seu partido são paralelos; o apoio a Le Pen transfere-se automaticamente para apoio ao seu partido. Stockemer e Barisione, baseados numa análise de publicações no Facebook de 2013 a 2015, referem que Le Pen cumpriu dois objetivos ao mudar a imagem da FN, por um lado, tornou-o um partido mais populista, e por outro, recentrou-o perante motivações relativas a uma postura imigratória. Acompanhando as mudanças de conteúdo nos meios de comunicação social, desde que Le Pen assumiu a presidência da FN, verificou-se um aumento líquido do apoio (expresso em likes) entre os apoiantes da retórica de Marine (Stockemer e Barisione, 2017, como citado em Pierce, 2019:55).

Na essência, os ganhos políticos espelham-se em plataformas sociais e informais, à medida que desenvolve a sua personalidade não apenas com uma política populista, mas afirmando-se como uma líder independente (Pierce, 2019:52-55).

### **2.3 - Caso Matteo Salvini na Itália**

Spektorowski e McDonnell, referem que a Liga do Norte (LN) frequentemente classificada como ‘direita radical populista’, deve ser considerada como um partido

populista etno-regionalista, porque sempre invocou uma área territorial específica e um povo etnicamente identificado (defesa da independência da Padânia em meados da década de 1990), enquanto se opõe à imigração e critica fortemente as elites nacionais e supranacionais (Spektorowski, 2003 e McDonnell, 2006, como citado em Bobba, 2018:5). Albertazzi e McDonnell consideram a LN um dos partidos regionalistas mais bem-sucedidos da Europa na última década, tendo por base os resultados eleitorais e cargos institucionais ocupados, e sobretudo pelo facto de terem participado em várias coligações de governo de direita lideradas por Sílvio Berlusconi de 2001 a 2011 (Albertazzi, 2010 e McDonnell, 2015, como citado em Bobba, 2018:5). Após o afastamento do governo de Berlusconi em 2011, seguiram-se em 2012 uma série de escândalos envolvendo a instituição do partido LN, o líder histórico Umberto Bossi foi substituído por Roberto Maroni, e em 2013 por Matteo Salvini mantendo-se como líder da LN, até aos dias de hoje. Com o apoio das redes sociais (em particular do Facebook, onde é um dos mais ativos e seguidos líderes políticos italianos), Salvini redefine a posição ideológica do partido, passando a dar maior apoio a pontos de vista mais próximos dos partidos populistas de direita radical, em questões como nacionalismo (em vez de regionalismo), o antieuropeísmo e a imigração (Bobba, 2018:5).

Matteo Salvini, desde 2014, desenvolve uma estratégia baseada em dois objetivos principais: *“transformar a Liga do Norte num partido nacional, minimizando os paradigmas ideológicos e organizacionais do regionalismo e federalismo; e subverter as hierarquias políticas dentro do centro-direita, desafiando o papel da liderança de uma Forza Itália em declínio”* (Vampa, 2017:1) - a LN passou por um marcado processo de modificação organizacional e ideológico. Mesmo assim na transição de Umberto Bossi para Matteo Salvini, McDonnell (2016), refere que o partido parece ter permanecido um partido populista fundamentalmente baseado na liderança. Radicalmente diferente do criado por Bossi nos anos 90, o partido liderado por Salvini, dá menos importância ideológica a temas como o federalismo, regionalismo e eventual independência da Itália central-setentrional. A reviravolta deu-se num contexto de crise económica e política, que mudou radicalmente aspetos-chave do debate político italiano (Vampa, 2017:1-2).

Devido ao clima político para o qual foi eleito, Salvini percebeu que os transtornos atuais não eram mais exclusivos de uma região específica, mas tornaram-se omnipresentes por todo o país. Portanto, ele restabeleceu uma plataforma antiglobalização que poderia agradar a todos os italianos. Na verdade, após seu primeiro discurso, Salvini, desculpou-se com os sulistas afirmando que “ou a Itália se salva como nação, ou então todas as suas regiões, sem exceção, enfrentarão a ruína”. Atualmente, a LN tem ganho grande apoio nas regiões centrais da Itália, anteriormente

dominadas pela esquerda, e também tem conseguindo estabelecer-se no Sul - uma 'área proibida' para a LN sob Bossi (Albertazzi, como citado em Clark, 2019:30).

Matteo Salvini, cedo percebeu que para sobreviver, o partido necessitava de reformar a dimensão territorial da sua mensagem populista. Bobba e McDonnell (2016) numa análise que incide sobre o período de 2006 a 2013, são de opinião que esse facto originou uma mudança mais radical, do que as promovidas pela liderança da Liga nos anos anteriores, quando o partido passou do governo para a oposição. Para Taggart Salvini levou ao extremo, o carácter 'camaleónico' do populismo (Taggart, 2000, como citado em Vampa, 2017:2). Roma deixou de ser considerada o principal inimigo, e foi substituída por Bruxelas, que assim se tornou o principal alvo da retórica da Liga do Norte. Salvini deixou de dar importância à diferença entre um Norte rico e economicamente competitivo e um Sul pobre e economicamente dependente, para se dedicar e concentrar na arena europeia. A Itália como um todo, era agora vista como parte de uma região 'periférica', transformada num 'superestado' europeu dominado pelos países centrais' do centro-norte da Europa. A nova plataforma do partido dá particular destaque à oposição contra as restrições impostas pelas instituições europeias 'centrais' e pelos estados membros 'centrais' da UE, acusando-os da responsabilidade pelo declínio económico italiano. Constitui o marco do fim de uma transição política. Chari (2004) explicam que, a LN já se tinha demarcado do 'Euro-positivismo' (a Europa vista como um aliado na luta política contra os governos centrais) e aderido ao crescente euroceticismo. Kopecky e Mudde numa contribuição para o estudo do euroceticismo na Europa alargada, referem que neste caso (LN) assumiu uma forma mais radical de 'Euro-rejeicionismo' (Kopecky e Mudde, 2002, como citado em Vampa, 2017:3).

Ainda que contraditória, a rejeição total do processo de integração europeia foi acompanhada por um fortalecimento das relações políticas entre os líderes populistas de direita nos Estados-Membros da UE. A FN Francesa, foi sendo de forma crescente, considerada um aliado da LN na luta contra Bruxelas e o novo modelo ideológico e organizacional a seguir. Pajnik, revela que Marine Le Pen foi considerada por Salvini como 'uma inspiração para o seu novo projeto político' (Pajnik, 2016, como citado em Vampa, 2017:3).

Em janeiro de 2016, para uma convenção internacional realizada em Milão, Salvini convidou Marine Le Pen, Greet Wilders (líder do Partido pela Liberdade Holandês) e outros líderes de extrema direita e de partidos eurorejeicionistas (membros do grupo Europa das Nações e Liberdade). Desta convenção resultou uma campanha internacional contra o tratado de Schengen e pedidos de políticas mais duras destinadas a reduzir a imigração e o fluxo de refugiados. Esta mudança ideológica levou

também, a uma mudança da organização regionalmente concentrada do partido (Vampa, 2017:3).

McDonnell e Vampa referem que a queda do número de membros e a diminuição acentuada dos subsídios públicos, forçaram o líder a optar e recorrer cada vez mais aos novos meios de comunicação social (por exemplo, presença constante em conversas na televisão), como uma estratégia de campanha mais barata, mas igualmente eficaz, ao invés das tradicionais festas de massas, caracterizadas por uma organização mais pesada e dispendiosa (McDonnell e Vampa, 2016, como citado em Vampa, 2017:3). Assim, em simultâneo, a LN “*poderia avançar na sua missão como um partido anti-UE, lutando pela emancipação italiana do processo de integração europeia, tornando-se um partido verdadeiramente nacional*” (Vampa, 2017:3), que com uma intensa campanha nas regiões do sul da Itália, possibilitou uma maior expansão territorial da Liga.

Matteo Salvini definiu um objetivo para o partido - transformar a Europa e retomar a soberania italiana, em vez de deixar a EU. Os discursos sobre ‘Europa para europeus’ e ‘Itália para italianos’ expressam uma compreensão exclusiva e nativista da Europa (a identidade europeia é definida em termos de civilização e cristianismo comuns) ameaçada pela estrutura supranacional da UE. A LN desenvolveu uma ideia exclusivista e etno-cultural do povo, que reflete o nativismo (Öner, 2020:2).

Salvini (LN) realçou na sua forte retórica as políticas anti-imigração, defendendo o ‘nosso’ povo primeiro, e segundo Ivaldi et al (2017:363), identifica o Islão como uma ameaça à identidade cristã e apela a que os campos de ciganos sejam destruídos. Em suma, a liderança de Salvini, e o discurso da LN focalizam-se cada vez mais, na defesa de todos os italianos contra as ameaças externas. Na opinião de Ivaldi et al (2017:363-364), a LN desde 2014, difama a EU, identificando-a como um ‘império médio e totalitário’ e o Euro como um ‘crime contra a humanidade’, incitando a Itália a deixar o euro. Já, no seu programa de 2015, desapareceram as referências à autonomia regional e, em alternativa, concentra-se principalmente nas críticas às políticas e instituições da UE. Num discurso em fevereiro de 2015, Salvini pediu desculpas pela retórica anterior hostil e anti sul, utilizada e passou a sinalizar que o que realmente, importava era que todos eram italianos (Ivaldi et al, 2017:368). Os mesmos autores, referem que a LN vê o euro como uma ‘moeda alemã’ e exige que ‘todos os tratados europeus sejam cancelados para recuperar a soberania monetária e a autonomia legislativa’. Raos, afirma que no seu manifesto de 2018, Salvini salientou uma ‘Europa dos povos’ e falou contra os ‘burocratas’ exigindo também um retorno a um ‘estado pré-Maastricht’ de integração, o que significaria uma ‘revisão de todos os Tratados’ para exigir a ‘soberania

monetária, económica, territorial e legislativa’ e ‘restaurar a subsidiariedade’ (Raos, 2018, como citado em Öner 2020:6).

A modificação da LN, que passou de ser um partido regionalista populista para passar a ser um partido populista de direita radical é um caso único na política europeia. Após a sua transformação, Raos, refere que a LN aumentou drasticamente a sua influência na política italiana e europeia, ao mesmo tempo que se opunha à tomada de decisões supranacionais em Bruxelas (Raos, 2018, como citado em Öner, 2020:7). Salvini considera que Bruxelas substituiu Roma como ‘o lugar onde elites incompetentes e corruptas exploram cidadãos comuns’ e segundo refere Brunazzo & Gilbert, frequentemente realça que não é contra a EU, mas em vez disso, quer outro tipo de Europa, embora não esteja claro que tipo de Europa seria e como funcionaria (Brunazzo & Gilbert, 2017, como citado em Öner, 2020:7).

Protagonista da campanha eleitoral italiana para as eleições europeias de 2019, Salvini participou nalguns comícios eleitorais transnacionais na Itália e no exterior com líderes de vários países europeus. A imigração, a possível vitória de uma frente antieuropeia e a ameaça de sanções económicas devido ao défice económico italiano, foram as principais questões relacionadas com a Europa durante a campanha eleitoral. Comparando com as eleições europeias anteriores ocorridas em 2014, onde a LN incluiu as palavras ‘Nenhum euro’ (contra EU) no seu símbolo eleitoral, em 2019 sendo a LN um dos parceiros da coligação, concentrou-se na gestão de fluxos migratórios e na economia - a campanha centrou-se em ser ‘contra esta Europa ou contra certos aspetos dela’ (Öner, 2020:7).

Em maio de 2019 o jornal The Guardian, publicou que após vencer as eleições para o Parlamento Europeu em 2019, Salvini no seu discurso de vitória, afirmou que ‘não apenas a Liga é o primeiro partido na Itália, como também a FN é o primeiro partido na França, e o UKIP é o primeiro partido no Reino Unido. Esta situação é o sinal de uma Europa que está em mudança’. Os partidos populistas de direita radical representam a Europa paroquial, que defendem a retoma da soberania, em oposição à Europa global. Estes partidos admitem que “*podem ter um ambiente mais adequado para realizar seus objetivos nacionalistas dentro do quadro institucional fragmentado e frouxo da EU*” (Öner, 2020:7).

A partir da eleição de Salvini como novo líder, a LN parece ter desenvolvido uma personagem assente na cara de Janus (representante de mudanças e transições). Mantendo a estrutura tradicional de um partido enraizado no Norte, espelha agora uma organização muito mais leve, que apresenta candidatos em toda a Itália (incluindo o Sul). A presença territorial mais fraca (ou mesmo inexistente) até esse momento, segundo Vercesi, foi compensada pela forte dependência da capacidade de

comunicação do líder nos meios de comunicação social, assente no pressuposto de que a sua popularidade (como aconteceu em 2018) traria algum grau de sucesso eleitoral (Vercesi, 2015, como citado em Albertazzi et al, 2018:649-651). Matteo Salvini é o traço de união entre as ‘almas’ indiscutivelmente irreconciliáveis da LN. A personalização, para Karvonen, serve para suportar e estimular a mobilização dentro da LN e para ampliar o seu espectro geográfico (Karvonen, 2010, como citado em Albertazzi et al, 2018:649-651). Passar a sua mensagem (e carisma pessoal) no Sul, permitiu a Salvini pintar uma tela em branco dando-lhe a oportunidade de explicar a identidade, os valores e a agenda de uma LN ‘reinventada’. Não se destacando ainda por ser considerado o líder de um partido enraizado no Norte, Salvini, só poderia agir de forma a não enfraquecer a sua credibilidade (Albertazzi et al, 2018:649-651).

Com Salvini, a comunicação do partido mudou, alicerçando-se em grande medida nas oportunidades para campanhas permanentes fornecidas pela comunicação social (SM), o que permitiu a Salvini dominar completamente a comunicação da LN, com a ajuda de uma equipe profissional de especialistas. As contas pessoais de Salvini equiparam-se com as dos principais líderes políticos do país, com 2,6 milhões de likes no Facebook e quase 800 000 seguidores no Twitter (junho de 2018). De facto, com esta projeção, Salvini molda e domina com maior facilidade os debates nacionais sobre as questões relativas à identidade, imigração, lei e ordem, já que os comentários polémicos feitos nas redes sociais são imediatamente captados pela imprensa e noticiários da televisão. Kruikemeier, ressalva que uma forte presença e atividade online ajuda os líderes partidários a afirmar a sua política e a coletar novos apoiantes (Kruikemeier, 2013, como citado em Albertazzi et al, 2018:651-652).

O discurso de Salvini apresenta todas as características clássicas do populismo: um povo virtuoso e trabalhador que se vê ameaçado pela invasão de alguns “outros”, os “clandestini”, os ilegais, que não são considerados “refugiados legítimos”, mas que se intrometem no limitado e soberano, espaço dos italianos e “vêm apenas para cometer crimes”. A Itália é retratada como uma situação de caos e emergência, em que os italianos, o povo soberano, sofrem e precisam recuperar o controle, e o líder, que é “um de nós”, vem para restaurar a ordem e a normalidade “fechando a porta” para os intrusos. Portanto, podemos concluir que, de acordo com Mudde, Salvini não modera a sua linguagem quando está no poder, ao invés disso, endurece-a para manter alta a tensão emocional (Cervi et al, 2020:10).

## 2.4 - Caso do SYRIZA na Grécia

De forma global a crise financeira afetou seriamente as ideologias políticas na Europa, aumentando de forma expressiva a percentagem de subida dos partidos populistas (Nicoli, 2014, como citado em Mavrozacharakis et al, 2017:48). Para além deste facto, observou-se um aumento dramático na influência de vários partidos de extrema direita e, por outro lado, um aumento significativo da subida dos partidos de esquerda em vários países. A ascensão ao poder da esquerda SYRIZA na Grécia, o rápido crescimento eleitoral do PODEMOS em Espanha, a evolução do Movimento das Cinco Estrelas na Itália (que recorreu em várias ocasiões a argumentos de esquerda), e a aliança entre social-democratas e esquerda em Portugal são alguns dos exemplos mais significativos (Mavrozacharakis et al, 2017:48).

No Sul da Europa, surge um novo populismo peculiar de esquerda, que se opõe à austeridade e exige políticas redistributivas, sem, contudo, existirem as condições económicas necessárias para o efeito. A pressão do desemprego em massa, a pobreza, a decepção em relação à política e o medo do futuro, ofertaram mais do que nunca, terreno propício para uma política caracterizada por slogans simplificados, emoções e ressentimentos. O SYRIZA e o PODEMOS (partidos de esquerda) aproveitaram-se do crescente descontentamento social, apresentam-se como porta-vozes das pessoas comuns, das preocupações e dos seus medos, e como expressão da resistência ao recuo dos valores sociais (Mavrozacharakis et al, 2017:48).

Segundo Markou (2017:56) nos últimos anos, o cenário político grego tem sofrido com o declínio de uma forte identificação partidária e pela consolidação do projeto neoliberal. Nova Democracia e PASOK, os dois principais partidos, numa orientação pós-democrática, desempenharam um papel central na transformação do sistema político grego. Contudo, o consenso pós-democrático ao centro resultante da colaboração entre o Nova Democracia, e o PASOK e o projeto neoliberal das elites governantes produziram um crescente descontentamento popular.

A esquerda radical comunista é responsável e monopoliza, a mobilização popular na Grécia. Apenas uma pequena minoria de movimentos sociais ou organizações da sociedade civil tem origem e cresce fora do campo de ação da esquerda. A fundação do SYRIZA em 2004, foi celebrada com o envolvimento de movimentos de base para construir uma ampla frente política, numa cooperação que se mostrou mutuamente bem-sucedida. O SYRIZA também influenciou fortemente os indignados gregos, o grande movimento populista que catalisou a queda do sistema bipartidário de 40 anos e abriu as portas para novas forças políticas (Aslanidis e Kaltwasser, 2016:8).

Após alguns anos sobe a implementação de medidas de austeridade extremas e cortes massivos no orçamento, o país encontrava-se numa situação extremamente difícil. A dívida e o deficit da Grécia foram declaradas insustentáveis, e a União Europeia exigiu imperativamente medidas de austeridade com disciplina fiscal rígida, cortes radicais no orçamento, privatização e reformas estruturais neoliberais. Os esforços dos governos de coligação e dos tecnocratas para recuperar a economia nacional produziram um massivo ataque contra os interesses do povo, violação dos direitos humanos, e implementação de políticas inconstitucionais, com o inevitável aumento de desigualdades sociais. A raiva e a frustração dos cidadãos levaram ao colapso dos partidos governamentais. O partido populista SYRIZA surgiu como a única resposta dinâmica contra as forças políticas neoliberais opondo-se às políticas de austeridade e apresentando-se como a única e alternativa política verdadeira para um beco sem saída (Markou 2017:56). O programa do SYRIZA baseava-se numa combinação alternativa de políticas económicas e sociais, envolvendo uma rutura com as políticas de austeridade e uma renegociação da dívida pública grega. O Syriza afirmou em 2012, que iria aumentar os impostos sobre as grandes empresas e os ricos, colocar o setor bancário sob controle social, pedir uma moratória no pagamento da dívida até que a economia grega começasse a crescer, fornecer acesso universal ao bem-estar e eliminar cortes salariais e impostos emergentes (Kioupiolis e Katsambekis, 2018: 209-210).

Em maio de 2012, o principal slogan do SYRIZA para a campanha das eleições "Eles decidiram sem nós, estamos avançando sem eles", junto com outros semelhantes, visava cativar os sentimentos populares de frustração e raiva contra as duras medidas de austeridade, e ao mesmo tempo, pretendia apontar para um caminho alternativo, com base na esperança popular por algo melhor. Funcionou como uma ferramenta discursiva para estabelecer 'cadeias de equivalência' entre sujeitos, identidades, reclamações e interesses frustrados heterogêneos, estabelecendo e / ou destacando a sua oposição a um 'outro' comum: o 'inimigo do povo', que são as 'forças pró-austeridade', o 'memorando', a 'troika' e assim por diante; neste discurso, todas essas forças, também organizadas por meio de uma lógica equivalente, foram apresentadas em momentos distintos, mas inter-relacionados. O discurso de SYRIZA, dividiu, portanto, o espaço social em dois campos opostos: 'nós' ('o povo') e 'eles' (o 'estabelecimento', a 'elite'); o poder e os oprimidos; a elite e os não privilegiados (Stavrakakis e Siomos, 2016:8-9).

Para Hartleb o populismo de SYRIZA interpretado, como uma síntese entre uma atitude dissidente imaginativa e uma tecnocracia sem pressa, conseguiu criar um número significativo de problemas para o sistema tradicional de negociação europeu, que se baseia na busca de consensos. Segundo Hartleb “o SYRIZA expressou um

*maquiavelismo do século 21, pois é uma coligação heterogênea da esquerda radical com uma forte ala comunista, que utilizou todos os métodos do populismo demagógico, superando até mesmo os populistas de direita”* (Hartleb, 2015, como citado por Mavrozacharakis et al, 2017:46). O SYRIZA conseguiu responsabilizar os partidos tradicionais e o sistema pela corrupção e pela miséria grega. Sucesso esse, que certamente não é compatível com as promessas realizadas pelo SYRIZA, que oferecia uma política socialista de benefícios seletivos sem austeridade, com subsídios complementares aos pobres e com a abolição de impostos sobre as classes sociais médias e baixas. Além disso, uma particularidade do populismo é que ele se baseia numa ideologia e na falta de princípios o que compõe um permanente contraste programático (Mavrozacharakis et al, 2017:46).

Ao mesmo tempo, SYRIZA promove uma agenda de direitos radicais que defendia direitos iguais para imigrantes, refugiados, pessoas LGBTQ e outras minorias (Stavrakakis e Katsambekis, 2014; Katsourides, 2016, como citado em Kioupkiolis e Katsambekis, 2018:209-210).

Forças anti populistas e grande parte da comunicação social argumentaram que, se o SYRIZA chegasse ao poder, a Grécia enfrentaria uma catástrofe econômica, política e social total. Contudo, é exatamente após se ter verificado a erupção da crise econômica e das suas consequências que ocorre a mudança massiva no sistema político grego. Alexis Tsipras representante do SYRIZA percebeu que o bipartidarismo tradicional estava a chegar ao fim e teve a oportunidade para representar a maioria do povo e de construir uma nova aliança social mais ampla. Como estratégia, na sua retórica política, Tsipras decidiu usar referências ao “povo” (λαός). De acordo com Stavrakakis e Katsambekis, ao analisar o discurso de Tsipras na campanha eleitoral do partido em 2009, descobriram que existem apenas cinco referências ao "povo" (Stavrakakis e Katsambekis, 2013, como citado em Markou 2017:56). Comparando com a campanha eleitoral do SYRIZA em 2012, podem encontrar-se mais de cinquenta e uma referências ao "povo" no discurso de Tsipras. Esta mudança decisiva no discurso ajudou o SYRIZA a transitar de uma coligação marginal de esquerda para um partido com visibilidade e próximo de assumir o poder nas eleições de 2012. Sendo efetivamente em 2012, com uma dinâmica alimentada pelos movimentos populares anti austeridade massivos (como “Aganaktismenoi”) que o SYRIZA conquista 26,89% dos votos nas eleições. O programa político do SYRIZA baseava-se num tipo alternativo de política (anulação do Memorando, aumento do salário mínimo mensal, e colocar o setor bancário sob controle público, etc.) que era responsável pela crise, e tinha como principal objetivo lutar contra as políticas neoliberais dos dois partidos tradicionais. Alexis Tsipras, com base na sua orientação política alternativa, solicitou ao eleitorado uma ampla coligação

social que levasse a um governo de esquerda forte. Em 2014, o SYRIZA ganhou as eleições europeias na Grécia. Na sequência do êxito, o SYRIZA venceu pela primeira vez as eleições parlamentares de janeiro de 2015, tendo obtido uma representação de 149 lugares num total de 300 no parlamento e formado um governo de coligação com o partido populista de direita radical ANEL (Markou, 2017:60).

A aliança governamental paradoxal do SYRIZA com a ANEL de direita, que foi constituída após as eleições de 2015, não era baseada em princípios ideológicos comuns, mas sim com base da raiva e descontentamento contra a União Europeia e contra a liderança de Ângela Merkel (Mavrozacharakis et al, 2017:46).

A comunicação social, justificou os resultados inesperados do SYRIZA, devido ao seu carácter populista que se opõe á intelectualidade dos partidos estabelecidos. Antes e depois da vitória nas eleições de setembro de 2015, o tema principal do discurso e estratégia política do SYRIZA manteve-se inalterado, consistindo na batalha contra o antigo sistema e contra a austeridade da União Europeia (principais características populistas). Os inimigos de Alexis Tsipras e do "povo" ainda são o sistema, a comunicação social, os bancos, o neoliberalismo, a austeridade da União Europeia e a Golden Dawn (Markou, 2017:61).

É fundamental ressaltar que os sentimentos antissistema do discurso do Syriza, eram na sua maioria, dirigidos contra as elites políticas e económicas em termos socioeconómicos, contrapondo a lógica da igualdade e da justiça social, à do lucro e da desregulamentação, enquanto referências à “corrupção”, tornou-se mais pronunciado depois de 2015, e especialmente depois que SYRIZA subiu ao poder (Katsambekis, 2016, como citado em Kioupkiolis e Katsambekis, 2018: 209-210).

Como partido da oposição, o SYRIZA era contra a integração europeia, mas não apoiava a saída da Grécia da zona do euro. Essa estratégia acabou por se transformar numa armadilha devido a que no manifesto anti memorando de Alexis Tsipras (SYRIZA), este concorda com os parceiros e credores da zona do euro para implementar um dos programas de austeridade mais severo. Contudo, e de forma fortemente populista, o governo de Tsipras tentou distanciar-se do conteúdo verbal das medidas de austeridade que negociou e votou. O novo governo do SYRIZA afirmava em termos discursivos de que tinha capacidade para se mover com flexibilidade dentro de uma estrutura rígida. De facto, o SYRIZA não apenas falhou no cumprimento das suas promessas de campanha, mas também em implementar até mesmo uma parte de seus princípios ideológicos centrais. Involuntariamente a esquerda acabou por cair na realidade quando as suas estratégias de negociação anti memorandum falharam totalmente. Contudo, a nível eleitoral, o grupo dirigente do SYRIZA continuou a ter aceitação social em elevada escala, apesar da implementação do novo memorando - fato que prova a

eficácia do populismo em que o governo de Tsipras se baseava. O compromisso final do governo SYRIZA com os credores foi marcado por um cenário de contínuas e duras negociações com os parceiros no sentido de evitar o memorando. Após a assinatura do Memorando, o governo de esquerda, tentou passar a mensagem de que tudo faria para minimizar os seus efeitos sociais. Durante os primeiros tempos de governo, o SYRIZA, seguiu a mesma estratégia de quando estava na oposição, com a mesma postura radical com que demonizou o memorando e todos os que estiveram envolvidos na sua gestão, na Grécia e no exterior. Esta estratégia, levou a que o SYRIZA na sua mudança final não pudesse manter grandes partes da legitimação social. Misik demonstrando uma “intenção de confronto radical”, conseguiu extinguir tanto a dissidência interna no partido quanto dos eleitores, cuja maioria era contra o Memorando (Misik, 2015, como citado em Mavrozacharakis et al, 2017:48).

Em suma, os principais fatores que contribuíram para a ascensão da esquerda ao poder na Grécia foram por um lado, *“a existência de fraquezas estruturais políticas e económicas crónicas e a incapacidade dos governos burgueses anteriores promoverem as reformas necessárias com provisões sociais reais em termos de criação de um Estado de direito moderno e um Estado de bem-estar eficaz com serviços sociais universais e fiscais tolerados”* (Mavrozacharakis et al, 2017:48) e por outro lado, os programas de austeridade das instituições europeias e do Fundo Monetário Internacional (Troika) que não deixaram espaço financeiro para diminuir o impacto social. A Troika alheia à reforma social de longo prazo, mostrou relativamente ao caso grego, uma aparente falta de conhecimento especializado e em diferentes momentos vários graus de inadequação aliado a uma indiferença ocasional às nuances e sensibilidades locais. Em 2010-2012 urgia implementar uma combinação de desregulamentação, privatização e re-regulamentação, a fim de combater os oligopólios e aumentar a concorrência nos mercados domésticos. Isso não só não aconteceu, como ao mesmo tempo, a aliança entre SYRIZA-ANEL produziu uma ambiguidade encantadora e aceitável pelas massas entre o populismo de esquerda e de direita e a determinação de valores políticos. Noelle-Neumann, *“distinguiu como valores esquerdistas a perseverança no planeamento estatal e controle público e como corretos a perseverança no setor privado e na competição económica”* (Noelle-Neumann, 1998, como citado em Mavrozacharakis et al, 2017:43).

A esquerda formula a liberdade como a libertação da pobreza, com a manifestação da necessidade de proteção social pública e solidariedade. Em oposição, a abordagem certa para a liberdade é sobretudo a liberdade da intervenção e da coerção do Estado. A era da crise na Grécia reverteu as divisões de valor essencialmente por o estado ter sido usado para implementar uma redistribuição de baixo para cima. O desafio da gestão da

crise económica afetou os valores de quase todos os campos políticos na Grécia. Com a ascensão do SYRIZA ao poder, as condições que os partidos burgueses tradicionais mantinham no poder foram finalmente derrubadas. A partir de 2008, a súbita eliminação dos termos e condições que reproduziam o consenso clientelista da democracia moderna na Grécia, por meio de uma ampla distribuição de benefícios, privilégios e poderes, levou gradualmente a uma radicalização populista das massas sob os auspícios da esquerda SYRIZA. O slogan populista de “esperança” declarado pela esquerda grega tem tido um impacto positivo na maioria dos cidadãos (Mavrozacharakis et al, 2017:43).

Seguindo a definição de Zaslove o populismo é inicialmente identificado pelo discurso que opõe “o povo” tanto a “elites” como a “outros” (Zaslove, 2008, como citado em Southwell et al, 2016:128). Em segundo lugar, um “líder carismático” afirma ter uma “relação direta e não mediada” com “o povo”, o que leva a uma “centralização da liderança” e a um “baixo nível de institucionalização do partido”. Para explorar o populismo como uma ideologia (referência a Mudde), temos de ver a sociedade como separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, "o povo puro" versus "a elite corrupta" e argumenta que a política deve ser uma expressão da vontade geral do povo. Em sequência, depois de explorar as duas abordagens, fica claro que Tsipras e o partido Syriza viam o povo grego dividido, indiscutivelmente, em “grupos homogêneos e antagônicos”. Contudo, não está claro se as pessoas são "puras" ou que a elite é "corrupta". Como primeiro-ministro da Grécia, Tsipras, num discurso: afirma que a tempestade política e económica que o país viveu, pôs em evidência: o estado clientelista e corrupto que apoiou a elite política e económica deste país, admitindo-se que ao referir-se a um “estado corrupto” este corresponda a “elite corrupta”, não havendo menção a um “povo puro”. *“No entanto, é concebível que, por definição, se o Estado é corrupto e está em oposição ao povo, o povo é, portanto, puro”* (Southwell et al, 2016:177).

## Capítulo 3 – Conclusão

Quando se trata de conceitualizar o Populismo, os vários autores, são unânimes em considerar a importância do povo em confronto com as elites. Podendo assumir formas diferentes, o populismo por norma, assume um estilo conflituoso e que sai dos padrões ditos normais. Muitas vezes personificado no seu líder, os partidos populistas afirmam-se no quadrante político, pela capacidade de retórica do seu líder.

O populismo é uma tentativa de recuperação da democracia perdida, da vontade popular suprimida pelas instituições. Se as instituições se tornam ineficazes em realizar a vontade popular, em momentos cruciais como uma crise económica ou uma desordem política, as instituições serão contestadas, como beneficiando não o povo, mas sim as elites políticas, económicas, entre outros (Mendonça, 2014:67). Para Laclau (2005:94) a negação antagónica da formação do discurso populista advém, de uma série de reivindicações políticas frustradas, que encontram no discurso universal populista um veículo para essas reivindicações.

Para os populistas uma expressão contínua e explícita da vontade popular é a base e aquilo que legitima as instituições democráticas. A herança do passado como importante fonte de legitimidade para as instituições democráticas vai-se esbatendo com tendência para terminar. Como vários filósofos do Iluminismo corretamente arguíram, as antigas constituições não são necessariamente boas constituições.

Condutas populistas, com iniciativas populares, são excelentes ferramentas para desafiar o consenso informal e redefinir a agenda política, pelo que, se considera que os populistas acabam por fazer um bom trabalho pela democracia. Apesar dos partidos eleitos poderem ser inspirados por boas intenções, como por exemplo, negar o racismo, os benefícios das regras de repressão têm desvantagens para a democracia. “*Ao estreitar a agenda, os partidos tradicionais tendem a tornar a política insípida e entediante e, mais importante, tendem a negar expressões legítimas de crenças*” (Akkerman, 2003:156-157).

Os partidos populistas, com ousadia, tendem a insurgir-se contra a repressão e a aquecer o debate público. Com esta atitude, conseguem mobilizar partes do eleitorado que foram negligenciadas ou se sentiram marginalizadas, pelos partidos instalados no poder. É frequentemente considerado positivo para a democracia, o papel da oposição dos partidos populistas no debate público. Desviar a atenção para áreas de discórdia em vez de concórdia, pode ser positivo para o debate democrático. Os populistas seguem a regra de que não há atuação sem contestação. Parte da estratégia populista radical de

abrir a competição partidária passa pelo protesto indisciplinado (Akkerman, 2003:157-158).

Partindo da definição mínima de Populismo resumida por Mudde, em que populismo é considerado um conjunto de ideias que dividem a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicas, "o povo puro" versus "a elite corrupta", e que a política deve ser uma expressão da "volonté générale" (vontade geral) do povo, dois aspetos se destacam como particularmente relevantes, pelas potenciais consequências mobilizadoras: que apresentam o foco na primazia da soberania popular (componente positivo) e condenar moralmente a elite dominante ou o sistema (componente negativo). O populismo aumenta os sentimentos de identidade, propósito e ultraje moral relacionados com a participação. Os políticos populistas conduzem com maior impacto a sua política para os destituídos de direitos, excluídos da vida política, e para os menos privilegiados, mobilizando os cidadãos particularmente desfavorecidos que estão mais propensos a identificarem-se com 'o povo' e a responderem a fundamentos populistas. Naturalmente, espera-se que as atitudes populistas tenham maior relação com a probabilidade de participar na política, mas também, a um mais elevado nível, na igualdade política (Anduiza et al, 2019:110-111).

Reflectindo agora, sobre as questões que inquietavam no início do trabalho, algumas respostas são dadas ao longo do trabalho, nomeadamente no que concerne à relação entre comunicação (e interação com os meios de comunicação social) e o crescimento do populismo, assim como o papel desempenhado pelo populismo no combate dos sistemas corruptos e ainda em que medida o populismo é uma forma de devolver o poder político ao povo. Vejamos especificamente e com base na opinião de alguns autores, as conclusões relativas às questões que inquietavam inicialmente.

### **Comunicação e interação com os meios de comunicação social**

É importante entender até que ponto o uso de estratégias de relações públicas põe em evidência comunicadores políticos populistas. Pesquisas em ciência política e ciência da comunicação mostram que o uso destas estratégias, podem permitir controlo da agenda da comunicação social. Da mesma forma, a num nível micro, a comunicação pessoal, como qualidade individual, requer maior exploração para aprofundar em que medida as habilidades retóricas, por exemplo, aumentam ou diminuem a capacidade dos políticos em transmitir a sua mensagem. A difusão da Web e a proliferação dos meios de comunicação social proporcionaram novos espaços para os políticos se fazerem ouvir e interagirem com uma nova geração de cidadãos. Evidentemente, também é importante desenvolver percepções graduais sobre os estilos e estruturas de comunicação política populista adotadas pelos principais partidos políticos, a fim de

melhor investigar o processo desenvolvido. Finalmente, devem realizar-se avaliações abrangentes dos políticos populistas e das suas atividades comunicativas fora dos períodos de campanha eleitoral (Aalberg et al, 2016:3-4).

Conceber o populismo como uma ideologia articulada em termos de discurso por políticos e jornalistas/comunicadores, estabelece a ligação entre a literatura existente da ciência política e da ciência da comunicação. Reportando-nos meramente à abordagem sob o ponto de vista da comunicação política, o foco muda do que constitui a ideologia do populismo para como é comunicada. Seguindo a perspectiva centrada na comunicação, o destaque está na mensagem populista como ‘fenómeno enquanto tal’ independente, sem referência à família partidária ou tipo de político em particular. Numa abordagem do populismo ‘como conteúdo’, alude-se ao foco nas pessoas e ao anti elitismo, usando um conjunto característico de mensagens. O populismo ‘como estilo’, reporta-se ao fato da mensagem expressar uma ideologia populista, frequentemente associadas ao uso de um conjunto característico de elementos de estilo de apresentação – “o populismo é entendido como uma característica da comunicação política e não como uma característica do ator que envia a mensagem” (Vreese CH et al, 2018:425-427). Deste modo, o foco coloca-se na contribuição única dos processos de comunicação para ‘construir’ ideias populistas e nos estilos comunicativos que sistematicamente surgem em simultâneo com elas.

### **Populismo, uma solução para um sistema político gasto e corrupto?**

Analisando os dados de pesquisas efetuados em nove países europeus, encontram-se robustas evidências a favor de uma associação positiva entre atitudes populistas e modos não institucionais de participação política, como a assinatura de petições e a expressão online de opiniões políticas. As análises realizadas, sugerem, que a presença de atitudes populistas aumenta a participação, principalmente dos indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade e rendimentos, reduzindo e até mesmo revertendo a tradicional desigualdade socioeconómica de participação. Os resultados obtidos facultam evidências empíricas de que algumas ideias populistas podem, de fato, ter implicações que ajudam a corrigir alguns deficits democráticos (Anduiza et al, 2019:110-111).

Para Mudde e Rovira Kaltwasser, “*embora o populismo possa ser não liberal, ele certamente tem um carácter democrático determinado, com a vontade do povo no centro de seus valores*” (Mudde e Kaltwasser, 2012, como citado em Anduiza et al, 2019:110-111). Para Canovan (1999:11), o populismo promete um mundo melhor através da implementação da vontade e da ação do povo. O populismo compartilha assim, uma natureza libertadora com as teorias democráticas radicais e deliberativas,

onde o valor político crucial, é o ideal da participação direta dos cidadãos não mediados. O populismo pode ainda ser entendido como um quadro de ação coletiva, determinante para a construção de uma identidade coletiva (o povo), que desafia as elites (Aslanidis, 2016; Panizza, 2017, como citado em Anduiza et al, 2019:110-111). Na sequência surge o segundo componente relevante do populismo: o anti elitismo. Neste componente, para Mudde (2004:543), o sentimento de que a elite política é corrupta e má, e que opera de acordo com os seus próprios interesses, contradiz os interesses do povo. Enquanto atitudes como a desconfiança e o desafeto, são atitudes negativas em relação a temas políticos, o anti elitismo é distinto, porque tem um caráter moral e ao gerar indignação moral, induz ao aumento da participação (Miller, 1980; Torcal e Montero, 2006 como citado em Anduiza et al, 2019:111). Para os populistas, a elite não é apenas incapaz, indigna de confiança e distante, mas também má. Skitka et al (2017), verificaram que as pessoas têm maior probabilidade de se tornarem politicamente ativas perante atitudes moralizadas e Effron, Miller e Ryan verificaram através de um estudo, uma nova perspectiva do poder da moralização, que também tem o potencial de reduzir a inibição contra a ação (Effron, Miller e Ryan, 2012, como citado em Anduiza et al, 2019:111). Em síntese, as atitudes populistas que dão ênfase à importância da vontade popular e a uma identidade coletiva (o povo) moralmente indignado com uma elite do mal, podem por si só, gerar motivação para participar na política, através da identidade, propósito e emoção (Anduiza et al, 2019:111).

### **Populismo uma forma de devolver o poder político ao povo?**

Especialistas e cientistas políticos liberais como Levitsky Ziblatt e Mounk, ficam surpreendidos com o curso dos acontecimentos e admiram-se que se vejam hoje, teóricos e cientistas políticos liberais, convencidos de que algumas dessas democracias não só estariam perigosamente ameaçadas como, em alguns casos, a ameaça autoritária do populismo, já seria um projeto político em curso (Levitsky e Ziblatt, 2018; Mounk, 2019, como citado em Mendonça, 2019:33-34). Contudo, não adotemos simplesmente a posição fácil e sedutora de meros defensores da ‘democracia’, uma vez que, o que realmente defendem é a democracia liberal, e um arranjo pouco assertivo para o povo. Para além de defenderem uma democracia pouco democrática, utilizam constantemente métodos retóricos que *“visam a aterrorizar os cidadãos, no sentido de fazê-los crer que qualquer projeto político diferente da democracia representativa liberal seria um salto num abismo cujo destino certamente seria o inferno”*. (Mendonça, 2019:34) visionando os cenários mais aterrorizantes de um mundo absoluto pós-democrático.

É no abandono que os indivíduos procuram novas alternativas, que muitas vezes não passam por sistemas políticos alternativos, mas surgem no interior dos próprios regimes liberais (Mendonça, 2019:39).

Há uma diferença substancial entre a concepção de ‘povo’ feita pelo populismo e aquela que lhe é atribuída pelos liberais. Para os liberais, o povo é uma categoria politicamente mobilizável, de forma muito controlada, apenas em períodos eleitorais. Na política “popular” liberal-democrática, os principais magnatas da “democracia realista”, recolhem os votos de indivíduos desvinculados, perseguindo apenas os seus objetivos pessoais, e considerando a esfera pública como um horizonte distante e desinteressante. A participação nas eleições para os realistas, é desejável e, a razão é simples como explicam Levitsky e Ziblatt, “*democracia, para existir em termos liberais, tem de ter ‘grades de proteção’ contra os excessos do povo*” (Levitsky e Ziblatt, 2018, como citado em Mendonça, 2019:41). Portanto, “*o problema inicial da presença do populismo — e talvez o mais importante — é que ele abre a “caixa de Pandora” popular: ele rompe com as grades de proteção de qualquer regime político percebido como não popular*” (Mendonça, 2019:41). Os liberais incidem a sua crítica no populismo, focando os seus líderes, que consideram “*pessoas inescrupulosas, manipuladoras e antidemocráticas*” (Mendonça, 2019:41). Todavia, qualquer que seja a ideologia e os interesses subjetivos de uma liderança populista, é indiscutível que mobiliza um povo.

A forma encontrada pelo liberalismo, para se mostrar ‘democrático’, passa por domesticar o povo (torná-lo um objeto passivo e controlado) que consideram ao mesmo tempo incómodo e indesejado, mas necessário, para fundamentar a democracia (Mendonça, 2019:41). O projeto democrático do liberalismo, que Rancière (2014) denominou de ‘ódio à democracia’ apresenta-se negativamente como o ódio ao povo e aos seus costumes, a outra sociedade que busca a igualdade, respeito pelas diferenças e do direito das minorias, mas não às instituições que dizem encarnar o poder do povo. O ódio que coexiste com a democracia como forma de governo, é bom quando mobiliza os indivíduos apáticos da sociedade. O populismo é visto como uma fonte de mobilização popular que descentraliza a ordem e o lugar das coisas, e que considera a democracia, uma vontade sempre atualizada de igualdade por parte de um povo politicamente construído, antes de ser um regime (Mendonça, 2019:41).

Para os populistas, a democracia representativa é ilegítima ou falsa, sinónimo de antipatia, aproveitando este fato, para defender uma ‘nova’ e ‘autêntica’ democracia, imaginada como direta, sem a intervenção de elites que a subvertem e corrompem com vista ao seu próprio benefício. “*O objetivo é cumprir a promessa democrática (e inatingível?) de ‘poder para todo o povo’, assemelhando-se a comunidade ‘populista’*”

*mais a uma irmandade do que a um aglomerado contratual assente na soberania individual”* (Zúquete, 2016:14). Canovan, refere que se não se mantiver a promessa de um mundo melhor e mais justo, e esta for acompanhada pelo deficiente conhecimento do exercício da democracia, o incumprimento das promessas é compreendido como uma traição ao povo, sendo que a política para o povo é restaurada através da intervenção dos populistas (Canovan, 2008, como citado em Queiroz, 2019:3). Alguns autores, compreendem o populismo como *“um fator de erosão e corrupção, senão mesmo de destruição da democracia, em geral, e da democracia liberal, em particular”*, sendo o populismo também observado, como uma força democratizadora, um indicador de saúde nos sistemas políticos representativos, ou mesmo um espelho da democracia (Mény e Surel, 2000; Mudde and Kaltwasser, 2013/2017 e Müller, 2014/2016 como citado em Queiroz 2019:4). Como força moralizadora Laclau, Mudde e Kaltwasser, referem que *“pretende dar voz a grupos que não se se sentem representados pelos poderes instituídos”* (Laclau, 2005; Mudde and Kaltwasser, 2017, como citado em Queiroz, 2019:4). Como indicador de saúde Taggart (2002), alerta que pode ser uma ferramenta útil na compreensão da patologia política representativa. Canovan, considera que leva a que as elites se consciencializem de que precisam levar a política às ‘pessoas’ (Canovan, 2002, como citado em Queiroz, 2019:4).

Grande parte das análises realizadas não vencem a barreira do preconceito. O populismo é considerado inúmeras vezes como um fenómeno político negativo e ameaçador à democracia. Contudo, há experiências populistas que não só não ameaçam a democracia, como ainda dão contributos e visam desenvolvê-la na direção ser mais responsiva.

Analisando os vários casos de populismo apresentados, identificam-se as características elementares do populismo. Os populistas colocam-se como representantes dos mais pobres entre os pobres, e em seu nome prometem conduzir a sua estratégia política (independentemente dos empresários que possam apoiar as suas candidaturas), apesar de um modo geral, muitos deles nunca terem feito parte da “classe popular”.

Recorrendo á estrutura discursiva de Laclau, pode dizer-se que qualquer destes populistas, conseguiu ser o nome, o significante vazio que representou a lógica populista.

De um modo geral, os vários populistas intentaram articular as reivindicações populares por justiça, igualdade, distribuição de riquezas, combate à corrupção, etc. Existiam claramente condições de emergência e reivindicações populares que permitiram o seu sucesso.

O populismo não provém em grande número de casos, de um discurso necessariamente construído e retoricamente articulado pelo povo a partir de reivindicações dos “de baixo”, mas tem origem no carisma do líder.

O populismo mobiliza as “maiorias silenciosas”, atuando sobre os cidadãos que não se envolvem normalmente com assuntos públicos. Mudde (2004:558) afirma que os cidadãos não dão muito valor em participar eles próprios na vida política. Primeiro e fundamentalmente desejam lideranças por políticos que conheçam o povo (em vez de ouvi-lo) e que façam com que os seus desejos se tornem realidade, querendo ser ouvidos no caso de tomada de decisões fundamentais.

No caso de Trump, não é um governo puro populista, mas um híbrido especial. Conseguem encontrar-se razões que o comprovam, como por exemplo Trump provir a sua administração com uma mistura de pessoas incrivelmente ricas e incrivelmente reacionárias que apesar de se apresentar populista, raramente governou como tal. Por outro lado, se considerarmos os eventos de 2016, atribuir-lhe o rótulo de ‘populista’ faz sentido, quer pelas posições políticas de Trump, mas acima de tudo, porque triunfou, identificando o seu discurso como uma versão de populismo autoritário direcionado às ansiedades dos mais adversamente afetados pelas alterações económicas e globalizantes que agravou a crise financeira da última década. Essencialmente, o ‘Trumpismo’ está ligado à retórica populista.

Marine Le Pen é vista como a personificação do passado e do futuro, como a filha política e como a guardiã materna do futuro da França. Sob a liderança de Marine Le Pen, nos últimos anos, a FN passou por um renascimento político, quer em eleições, número de membros e pesquisas de opinião pública. Marine Le Pen implementa os componentes do populismo: apresenta o seu projeto pessoal que incorpora a gestão da crise, um forte caráter antielitista e apresenta-se como a líder pura e carismática do povo e da voz do povo (*representante do povo honesto e trabalhador*), apresentando-se como o foco de todas as atenções, prometendo reconstruir a França. Com uma linguagem simples e forte, Marine Le Pen retrata uma visão de declínio e decadência para mostrar a sua oposição completa ao sistema e aos que o representam.

Matteo Salvini, usando uma retórica forte, converteu a LN num partido populista fundamentalmente baseado na liderança. Assumiu formas radicais de ‘Euro-rejeicionismo’ iniciando uma campanha internacional contra o tratado de Schengen, bem como o pedido de políticas mais duras destinadas a reduzir a imigração e o fluxo de refugiados. Utilizou a comunicação social para passar a sua mensagem sendo uma presença constante em debates na televisão. Defende essencialmente o ‘nosso’ povo (todos os italianos) contra as ameaças externas. Salvini considera que Bruxelas substituiu Roma como ‘o lugar onde as elites incompetentes e corruptas exploram os

cidadãos comuns'. Com grande projeção no Facebook e Twitter, Salvini define e domina os debates nacionais sobre questões relativas à identidade, à imigração e à lei e ordem, usando o facto dos seus comentários polémicos feitos nas redes sociais serem imediatamente captados pela imprensa e noticiários da televisão, facto esse que induz ao sucesso elevando a sua aprovação e o seu número de novos apoiantes.

No caso do SYRIZA surge um novo populismo peculiar de esquerda, que se opõe à austeridade e exige políticas redistributivas, sem, contudo, existirem condições económicas necessárias para esse efeito. Num contexto político, social e económico adverso que produzia descontentamento popular, o partido populista SYRIZA surgiu como a única resposta dinâmica contra as forças políticas neoliberais, propondo-se representar a maioria do povo e opondo-se às políticas de austeridade e apresentando-se como a única alternativa política verdadeira para um beco sem saída. O aumento das referências ao "povo" no discurso de Tsipras, ajudou ao sucesso na conquista do poder. Os inimigos de Alexis Tsipras e do "povo" são o sistema, a comunicação social, os bancos, o neoliberalismo, a austeridade da União Europeia e a Golden Dawn. O slogan populista de "esperança" usado pela esquerda grega satisfez a maioria dos cidadãos. Utilizando todos os métodos do populismo demagógico, não só responsabiliza os partidos tradicionais e o sistema de corrupção pela miséria grega, como prometia uma política socialista de benefícios seletivos sem austeridade, com subsídios complementares para os pobres e a abolição de impostos sobre as classes sociais médias e baixas, algo que não se veio a verificar.

## **Expectativas para o Populismo no futuro**

O sucesso do liberalismo contemporâneo baseado no subterráneo do totalitarismo e favorecimento do crescimento económico (durante várias décadas) "*corre o risco de congelá-lo num esquema eternizado que funciona como uma gaiola*" (Urbinati, 2019:124) quer servindo os interesses de democratas genuínos, que consideram este o único modelo de tornar a participação segura e capaz de fornecer decisões eficientes, ou no caso de servir os interesses dos cétricos da democracia, simplesmente dá aos cidadãos a ilusão de governar enquanto legitima o poder de uma elite.

Considerando a ascendência global da ideia de populismo, é hora de o populismo existir como uma ideologia política centrada e densa. Muitos partidos políticos e representações não espelham as opiniões de grandes grupos demográficos, o que permite que a democracia seja dominada por elites. A popularidade do populismo em todo o mundo, deve-se em grande parte, às pessoas estarem famintas por esse tipo de política. "*Mesmo que houvesse um problema de vácuo de poder, verificação e*

*equilíbrio, acho que pode ser resolvido com uma abordagem melhor do populismo”* (Licalzi, 2020:13).

Perspetivando o novo século, e como contraponto à propensão em concentrar a análise nos aspetos institucionais e partidários do populismo, talvez seja de considerar, uma nova onda populista ligada aos movimentos sociais, e às dinâmicas de antissistema - atributos do populismo, *“como o discurso radical contra uma minoria usurpadora, o apelo para uma democracia direta, e soluções de salvamento de um povo esquecido e aviltado – ‘nós somos os 99 por cento’ clamaram os movimentos de ocupação, dos Estados Unidos à Europa”* (Zúquete, 2016:16). Com um papel preponderante, as redes sociais intensificam estas novas mobilizações populares, fluídas, descentralizadas e horizontais, sendo expectável o aparecimento de um novo tipo de populismo, um populismo ligado ao ‘admirável mundo novo’ da tecnologia, o populismo de ‘fonte aberta’ (Zúquete, 2016:16).

O sucesso eleitoral dos partidos populistas amplificou-se nas últimas décadas. Sendo o aumento do apoio ao populismo inequívoco. As razões para tal realidade são complexas, Mudde, Hauwaert e Kessel, mencionam duas interpretações amplamente defendidas que apontam por um lado, para a insegurança económica, e por outro, para a reação cultural (Mudde, 2007; Hauwaert e Kessel, 2018, como citado em Vreese CH et al, 2018:424). Na última década, uma parte significativa do mundo passou pela mais longa recessão e crise económica observada num século, a que se pode adicionar os fluxos de migrantes transfronteiriços e as crescentes desigualdades de rendimento dentro e entre países, demonstradas vigorosamente por economistas. Laclau, *“considera tais crises como a própria raiz do populismo, tanto histórica quanto contemporaneamente”* (Laclau, 2005, como citado em Vreese CH et al, 2018:424). Otjes, indica como certos partidos políticos populistas reagiram à crise económica, apresentando uma resposta ‘nativista unificada’ (Otjes, 2018, como citado em Vreese CH et al, 2018:424). Na verdade, Kübler e Kriesi, observam que a globalização, que cativa muitas dessas tendências, proporciona um terreno fértil para o populismo, pelo que as condições para uma onda populista ainda maior estão, deveras presentes (Kübler e Kriesi, 2017, como citado em Vreese CH et al, 2018:424).

Observando o panorama atual, ainda que seja difícil generalizar porque as situações concretas variam muito em cada caso, numa tendência geral dir-se-ia que: *“no que respeita ao grau de apoio popular à democracia, a tendência é a de uma diminuição do empenhamento na democracia liberal e de uma progressiva abertura a soluções iliberais (...) e, no que respeita às forças e partidos antissistema, os movimentos e partidos populistas em ascensão, seja no poder ou na oposição, não querem apenas*

*ser alternativas políticas*” (Teixeira, 2018:77) no regime democrático, mas querem desafiar e encontram-se a desafiar as regras e normas do próprio sistema.

Os dois tipos de populismo, quer de esquerda quer de direita, têm eleitorados diferentes, mas o seu sucesso advém da crise da representação nas democracias liberais - os cidadãos não sentem que os governos respondam aos seus problemas, que respondam aos seus medos e às suas inseguranças (em primeiro lugar de natureza económica e em segundo lugar, de natureza cultural) e não se sentem representados pelos partidos tradicionais. “*As políticas neoliberais de privatização e desregulação económica e financeira têm aumentado, exponencialmente, as desigualdades económicas e as assimetrias sociais e sabemos desde os trabalhos clássicos de Seymour Martin Lipset como a equidade é fundamental para a legitimidade e o apoio à democracia*” (Teixeira, 2018:79). Por outro lado, os movimentos migratórios massivos e por vezes desequilibrados geram a reação contra o ‘outro’, sentido como uma ameaça no sentido económico (aos produtos nacionais, à segurança no emprego ou aos benefícios sociais) e no sentido cultural ou religioso, como mostra Francis Fukuyama, aos costumes, às tradições e às identidades (Fukuyama, 1992, como citado em Teixeira, 2018:79). Qualquer que seja o caso, trata-se de uma reação nativista contra a globalização. Nos nossos dias é clara a crise da representação quer na Europa, quer nos Estados Unidos, expressando-se não só pelo enfraquecer das estruturas tradicionais (capacidade de organização e mobilização dos partidos), mas também pelo declínio da própria participação dos cidadãos. Na Europa, esta tendência torna-se mais gravosa pelo colapso dos partidos tradicionais e pelo bloqueio do sistema de partidos em vários estados-membros.

A relação entre as reivindicações populistas e a posição política dos partidos, em particular, quer se encontrem na oposição quer no governo - adquire especial atenção, dado que os partidos populistas europeus aderiram recentemente a coligações governamentais (estão entre os principais exemplos Holanda, Áustria e Itália). Serão os populistas capazes de manter o seu discurso antissistema à medida que se tornam parte do sistema e, em caso afirmativo, terão capacidade de seguir políticas que estejam de acordo com as suas reivindicações públicas? Por outro lado, os partidos da oposição às coligações governamentais populistas, também adotam uma linguagem populista, dando origem a uma espiral de ‘democracia populista’ (Gidron e Bonikowski, 2013:28). Sven Engesser entre outros, destacam o fato da retórica populista que mobiliza o povo contra o sistema, se afigura como tendo encontrado um espaço propício e acessível nas redes sociais e que o populismo online gira á volta das particularidades: ‘enfazando a soberania do povo’; ‘Defendendo as pessoas; atacando as elites’; ‘Ostracizando os outros’; ‘Invocando o coração’ (Engesser, 2015, como citado em Gerbaudo, 2018:3).

## Bibliografia

Aalberg, Toril and de Vreese, Claes H. et al (2016) - Comprehending Populist Political Communication; *Populist Political Communication in Europe* on July 26, 2016. Book chapter. The book is available online at: <http://www.tandfebooks.com/doi/book/10.4324/9781315623016>

Aiolfi, Théo (2019) - Migration and Populism: Marine Le Pen as a Performer of Urgency DOI: 10.3726/b15963

Akkerman, Tjitske (2003) - Populism and Democracy: Challenge or Pathology? Article in *Acta Política* · June 2003  
DOI:10.1057/palgrave.ap.5500021  
<https://www.researchgate.net/publication/233647781>

Albertazzi, Daniele; Giovanni, Arianna & Seddone, Antonella (2018) - 'No regionalism please, we are Leghisti!' The transformation of the Italian Lega Nord under the leadership of Matteo Salvini, *Regional & Federal Studies*, 28:5, 645-671, DOI: 10.1080/13597566.2018.1512977

Anduiza, E., Guinjoan, M., & Rico, G. (2019) - Populism, participation, and political equality. *European Political Science Review*, 11(1), 109-124. doi:10.1017/S1755773918000243

Anselmi, Manuel (2018) - Populism: An Introduction;  
DO- 10.4324/9781315268392

Aslanidis, Paris e Kaltwasser, Cristobal Rovira (2016) - Dealing with populists in government: the SYRIZA-ANEL coalition in Greece; Democratization <http://dx.doi.org/10.1080/13510347.2016.1154842>

Aydın-Düzgüt, Senem e Keyman, E. Fuat (2017) - THE TRUMP PRESIDENCY AND THE RISE OF POPULISM IN THE GLOBAL CONTEXT; A Project of the German Marshall Fund

Bobba, Giuliano (2018) - Social media populism: features and 'likeability' of Lega Nord communication on Facebook; Article in *European Political Science*

DOI: [10.1057/s41304-017-0141-8](https://doi.org/10.1057/s41304-017-0141-8)

Bobba, Giuliano & McDonnell, Duncan (2016) - Different Types of Right-Wing Populist Discourse in Government and Opposition: The Case of Italy, *South European Society and Politics*, 21:3, 281-299, DOI: [10.1080/13608746.2016.1211239](https://doi.org/10.1080/13608746.2016.1211239)

Boucher, Jean-Christophe and Thies, Cameron G. (2019) - "I Am a Tariff Man": The Power of Populist Foreign Policy Rhetoric under President Trump; *The Journal of Politics*, volume 81, number 2

<https://doi.org/10.1086/702229>

Canovan, Margaret (1999) - Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy; *Political Studies Association*, XLVII, 2±16

Canovan, Margaret (2004) - Populism for political theorists?, *Journal of Political Ideologies*, 9:3, 241-252, DOI: [10.1080/1356931042000263500](https://doi.org/10.1080/1356931042000263500)

Cervi, Emerson Urizzi (2001) - As sete vidas do populismo. *Revista de Sociologia e Política*, (17), 151-156. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782001000200012>

[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782001000200012&lng=en&nrm=iso](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782001000200012&lng=en&nrm=iso)

Cervi, Laura; Tejedor, Santiago e Dornelles, Mariana Alencar (2020) - When Populists Govern the Country: Strategies of Legitimization of Anti-Immigration Policies in Salvini's Italy; *Sustainability* 2020, 12, 10225; DOI:10.3390/su122310225

Chari, R., Iltanen, S., & Kritzinger, S. (2004) - Examining and Explaining the Northern League's 'U-Turn' from Europe. *Government and Opposition*, 39(3), 423-450. DOI:10.1111/j.1477-7053.2004.000129.x

Clark, Gabrielle (2019) - The Unholy Trinity of Demagogic Politics: A Case Study on the Career of Matteo Salvini; Long Island University, Digital Commons @ LIU

Donovan, Todd & Redlawsk, David (2018) - Donald Trump and right-wing populists in comparative perspective, *Journal of Elections, Public Opinion and Parties*, 28:2, 190-207. DOI: 10.1080/17457289.2018.1441844

Engesser, Sven, Nayla Fawzi, and Anders O. Larsson. (2017) - "Populist Online Communication: Introduction to the Special Issue." *Information, Communication & Society* 20 (9): 1279–92.  
doi:10.1080/1369118X.2017.1328525

Geva, Dorit (2019) - Daughter, Mother, Captain: Marine Le Pen, Gender, and Populism in the French National Front; *Article in Social Politics*  
DOI: 10.1093/sp/jxy039

Gerbaudo, Paolo (2018) - Social Media and Populism: An elective affinity? *Media Culture & Society*, 40(5), 745-753. DOI: 10.1177/0163443718772192

Gidron, Noam; Bonikowski, Bart (2013) - Varieties of Populism: Literature Review and Research Agenda; *SSRN Electronic Journal*  
DOI - 10.2139/ssrn.2459387

Ivaldi, Gilles; Lanzone, Maria Elisabetta e Woods, Dwayne (2017) - Varieties of Populism across a Left-Right Spectrum: The Case of the Front National, the Northern League, Podemos and Five Star Movement; *Swiss Political Science Review* 23(4): 354–376 DOI:10.1111/spsr.12278

Kaltwasser, Cristóbal Rovira; Taggart, Paul; Espejo, Paulina Ochoa and Ostiguy, Pierre (2017) - Populism: An Overview of the Concept and the State of the Art; *The Oxford Handbook of Populism*  
DOI: 10.1093/oxfordhb/9780198803560.013.34

Kioupkiolis, Alexandros e Katsambekis, Giorgos (2018) - Radical Left Populism from the Margins to the Mainstream: A Comparison of Syriza and Podemos; *Podemos and the New Political Cycle*; 201-226.  
DOI 10.1007/978-3-319-63432-6

Klandermands, P. (2014) - Identity Politics and Politicized Identities: Identity Processes and the Dynamics of Protest. *Political Psychology*, 35(1), 1-22.  
<http://www.jstor.org/stable/43785856>

Kopecký, P., & Mudde, C. (2002) - The Two Sides of Euroscepticism: Party Positions on European Integration in East Central Europe. *European Union Politics*, 3(3), 297–326.  
<https://doi.org/10.1177/1465116502003003002>

Lacatus, Corina (2020) - Populism and President Trump's approach to foreign policy: An analysis of tweets and rally speeches; Special Issue Article, Political studies association  
DOI: 10.1177/0263395720935380 [journals.sagepub.com/home/pol](https://journals.sagepub.com/home/pol)

Lacatus, Corina e Meibauer, Gustav (2021) - Introduction to the special issue: Elections, rhetoric and American foreign policy in the age of Donald Trump. *Politics*.;41(1):3-14. DOI:[10.1177/0263395720935376](https://doi.org/10.1177/0263395720935376)

Laclau, Ernesto (2004) - Populism: What's in a Name? Book chapter Empire & Terror, Center for Basque Studies, Conference Papers Series, No.1, University of Nevada  
ISBN 1-877802-48-4 (pbk.) -- ISBN 1-877802-49-2 (hardcover)

Laclau, Ernesto (2005) - *On Populist Reason*; London: Verso  
ISBN 1-85984-651-3

Licalzi, Jasper (2020) - The Political Theory of Populism Literature Review; Book,  
DO - 10.13140/RG.2.2.18922.75200

Mansbridge, Jane and Macedo, Stephen (2019) - Populism and Democratic Theory; The Annual Review of Law and Social Science, 2019. 15:59–77  
<https://doi.org/10.1146/annurev-lawsocsci-101518-042843>

Markou, Grigoris (2017) - The Rise of Inclusionary Populism in Europe: The Case of SYRIZA; Contemporary Southeastern Europe, 4(1), 54-71  
<https://www.researchgate.net/publication/317672064>

Mavrozacharakis, E., Tzagkarakis, S. I., & Kotroyannos, D. (2017) - Mediterranean Left-Wing Populism: The Case of SYRIZA. *European Quarterly of Political Attitudes and Mentalities*, 6(2), 40-53.

<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-51465-9>

Mazzoleni, G., Stewart, J., & Horsfield, B. (2003) - The media and neo-populism: A contemporary comparative analysis. Westport, CT: Praeger  
ISBN-13: 978-0275974923 ISBN-10: 0275974928

McDonnell, D. (2016) - Populist Leaders and Coterie Charisma. *Political Studies*, 64(3), 719–733. <https://doi.org/10.1111/1467-9248.12195>

McGregor, Muriel C. (2019) - "The Rise of Populist Rhetoric and the Mainstreaming of a Party? Testing the Rhetorical Shifts Between Front National's Presidents Jean-Marie Le Pen and Marine Le Pen". All Graduate Theses and Dissertations. 7538. UTAH STATE UNIVERSITY

Mendonça, Daniel de (2014) - Populismo como vontade de democracia; Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul (Brasil); pp 51-70

DOI:dx.doi.org/10.7440/colombiant82.2014.03

<https://revistas.uniandes.edu.co/doi/pdf/10.7440/colombiant82.2014.03>

Mendonça, Daniel de (2019) - A crise da democracia liberal e a alternativa populista de esquerda; *Simbiótica*, Vitória, v.6, n.2 (jul.-dez./2019)

ISSN 2316-1620

<http://oaji.net/articles/2020/6933-1579198983.pdf>

Montgomery, Martin (2017) - Post-truth politics? Authenticity, populism and the electoral discourses of Donald Trump; Article in *Journal of Language and Politics*  
ISSN 1569–2159 DOI: 10.1075/jlp.17023.mon

Mudde, C. (2004). The Populist Zeitgeist, *Government and Opposition*, 39(4), pp. 542–563.

Mudde, Cas and Kaltwasser, Cristóbal Rovira (2017) *Populism: A Very Short Introduction* <http://dx.doi.org/10.1093/actrade/9780190234874.001.0001>

Nai, Alessandro; Coma, Ferran Martínez I e Maier, Jürgen (2019) - Donald Trump, Populism, and the Age of Extremes: Comparing the Personality Traits and Campaigning Styles of Trump and Other Leaders Worldwide; *Presidential Studies Quarterly*; Vol. 49, No. 3, September 2019, 609–643

DOI: 10.1111/psq.12511

Oliver, J. Eric e Rahn, Wendy M. (2016) - Rise of the Trumpenvolk: Populism in the 2016 Election. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*.

667(1):189-206. DOI:[10.1177/0002716216662639](https://doi.org/10.1177/0002716216662639)

Öner, Selcen (2020) - ‘Europe’ of populist radical right and the case of Lega of Salvini: pioneer of a ‘Parochial Europe’? *European Politics and Society* DOI:

10.1080/23745118.2020.1842700

Pierce, Marlene Kathryn Lee (2019) - Le Pen and the FN: An analysis of France’s changing populism; KANSAS STATE UNIVERSITY

Pierson, Paul (2017) - American hybrid: Donald Trump and the strange merger of populism and plutocracy; *The British Journal of Sociology*, Volume 68, Issue S1 ISSN 0007-1315 DOI: 10.1111/1468-4446.12323

Queiroz, Regina (2019) - POPULISMO; Dicionário de filosofia moral e política, 2.<sup>a</sup> série – Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa

DOI: <http://doi.org/10.34619/h33m-r196>

Rancière, Jacques (2014) - *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo.

São Paulo. ISBN:9788575594001

Saffon, Maria Paula e González-Bertomeu, Juan F. (2017) - Latin American populism: an admissible trade-off between procedural democracy and equality? *Constellations*; 24:416–31

DOI: 10.1111/1467-8675.12304

Schneiker, Andrea (2020:2-3) - Populist Leadership: The Superhero Donald Trump as Savior in Times of Crisis; [journals.sagepub.com/home/psx](https://journals.sagepub.com/home/psx);

DOI: 10.1177/0032321720916604

Schumpeter, Joseph A. (1984) - *Capitalismo, socialismo e democracia*; Tradução de Ruy Jungmann. Editora Fundo de Cultura S.A. Rio de Janeiro: Zahar.

Shields, James (2013) - Marine Le Pen and the 'New' FN: A Change of Style or of Substance? *Parliamentary Affairs* 66, 179–196 DOI:10.1093/pa/gss076

Skitka, L. J., Hanson, B. E., & Wisneski, D. C. (2017) - Utopian Hopes or Dystopian Fears? Exploring the Motivational Underpinnings of Moralized Political Engagement. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 43(2), 177–190. <https://doi.org/10.1177/0146167216678858>

Southwell, Priscilla; Lindgren, Eric & Ellis, Dustin (2016) -A Case Study in Left Wing Neo-Populism: The Rise of the Syriza Party in Greece; *Review of European Studies*; Vol. 8, No. 4; ISSN 1918-7173 E-ISSN 1918-7181 doi:10.5539/res.v8n4p174

Stavrakakis, Yannis e Siomos, Thomas (2016) - SYRIZA's POPULISM: TESTING AND EXTENDING NA ESSEX SCHOOL PERSPECTIVE; ECPR General Conference Charles University; Section on Populism and Political Extremism: Between Change and Persistence; Panel on Left-Wing Populism in (Southern) Europe: Historical Anomaly or Paradigm Shift?

Stockemer, Daniel and Barisione, Mauro (2016) - The 'new' discourse of the Front National under Marine Le Pen: A slight change with a big impact; *European Journal of Communication* DOI: 10.1177/0267323116680132

Taggart, P. (2002) - Populism and the Pathology of Representative Politics. In: Mény Y., Surel Y. (eds) *Democracies and the Populist Challenge*. Palgrave Macmillan, London. [https://doi.org/10.1057/9781403920072\\_4](https://doi.org/10.1057/9781403920072_4)

Teixeira, Nuno Severiano. (2018). Três reflexões inacabadas sobre populismo e democracia. *Relações Internacionais (R:I)*, (59), 75-83. <https://dx.doi.org/10.23906/ri2018.59a06>

Urbinati, Nadia (2019) - Political Theory of Populism; *Annual Review of Political Science* Vol. 22:111-127 (Volume publication date May 2019) First published as a Review in Advance on November 28, 2018 pp 111-127 <https://doi.org/10.1146/annurev-polisci-050317-070753>

Vampa, Davide (2017) – Matteo Salvini’s Northern League in 2016; *Italian Politics*, 32(1), 32-50, Retrieved jan 5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3167/ip.2017.320104>

Vreese CH, Esser F, Aalberg T, Reinemann C, Stanyer J. (2018) - Populism as an Expression of Political Communication Content and Style: A New Perspective. *The International Journal of Press/Politics*. ;23(4):423-438. doi:10.1177/1940161218790035

Zúquete, José Pedro. (2016). Era uma vez o populismo.... *Relações Internacionais (R:I)*, (50), 11-22. Recuperado em 25 de setembro de 2020, de [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-91992016000200002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-91992016000200002&lng=pt&tlng=pt)

Wahl-Jorgensen, Karin (2018) - Media coverage of shifting emotional regimes: Donald Trump's angry populism. *Media, Culture & Society* 40 (5), pp. 766-778. 10.1177/0163443718772190  
file Publishers page: <http://dx.doi.org/10.1177/0163443718772190>